

Universidade Federal do Rio de Janeiro

“Solteironas eram nossas avós!”

Maria Luiza de Araujo Campelo

UM ESTUDO SOBRE A MULHER QUE PERMANECE SOLTEIRA NA CLASSE MÉDIA
CARIOCA

Maria Luiza de Araujo Campelo

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa EICOS, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários á obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Rio de Janeiro
setembro/2006

Maria Luiza de Araujo Campelo

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários ao título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Aprovada por:

Prof. _____

Presidente, prof.

Prof. _____

Prof. _____

Prof. _____

Rio de Janeiro

setembro/2006

Campelo, Maria Luiza de Araujo.

“Solteironas eram nossas avós!” Um estudo sobre a mulher que permanece solteira na classe média carioca. - Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2006.

xi. 123 f.

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Dissertação (mestrado) - UFRJ/ IP/ Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidade e Ecologia Social, 2006.

Referências Bibliográficas: f. 116 – 121.

1. Solteironas. 2. mulheres solteiras na classe média carioca. I. Rocha-Coutinho, Maria Lúcia. II. Universidade federal do Rio de Janeiro, Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidade e Ecologia Social. III. Título.

RESUMO

“ SOLTEIRONAS ERAM NOSSAS AVÓS!” UM ESTUDO SOBRE A MULHER QUE PERMANECE SOLTEIRA NA CLASSE MÉDIA CARIOCA.

Maria Luiza de Araujo Campelo

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários ao título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Podemos observar na atualidade, que com as inúmeras transformações que ocorreram na civilização ocidental a partir da segunda metade do século XX, também se modificaram as maneiras como os sexos se relacionam entre si, dentro e fora da família. De maneira que, inúmeros paradigmas que guiavam os comportamentos aceitos pela sociedade, também sofreram alterações. Dentre eles a obrigatoriedade do casamento e da maternidade para as mulheres. Aquelas que permanecessem solteiras, recebiam a denominação pejorativa de *solteironas* e eram vítimas de certa exclusão social. O presente trabalho teve por objetivo investigar, como mulheres da classe média carioca, que permaneceram solteiras, vivenciam aspectos de suas vidas como, o profissional, o familiar, os relacionamentos afetivos e sexuais dentre outros. E o que elas julgam como sendo vantagens e desvantagens de permanecerem solteiras ou serem casadas. Acreditamos que através de suas falas, podemos compreender como estão sendo por elas experimentadas tais mudanças sociais.

Palavras-chave: solteironas, relacionamentos afetivos, mulheres de classe média, contemporaneidade.

Rio de Janeiro
setembro/ 2006

ABSTRACT

“THE OLD-MAIDS WERE OUR GRADMOTHERS!” A STUDY ABOUT THE UNMARRIED WOMAN IN THE CARIOCA MIDDLE-CLASS.

Maria Luiza de Araujo Campelo

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários ao título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Nowadays we can observe, that with the innumerable transformations that had occurred in the occidental civilization from the second half of the XX century on, had also modified the ways as the sexes relate between itself, inside and out the family. In this manner, innumerable paradigms that guided the accepted behaviors for the society, had also suffered alterations. Among them, the obligatoriness of getting married and the maternity to women. Those whom remained single, received the pejorative denomination from *old maid* and were victims of certain social exclusion. The present work has had for objective to investigate, how women of the Carioca middle class, who had remained single, live the aspects of their lives as, the professional, the familiar one, the affective and sexual relationships, among others. And what they judge as being advantages and disadvantages to remain single or to be married. We believe that through their speech, we can understand how the social changes has been experienced by them.

Key-words: old maids; relationships; middle-class woman; contemporariness.

Rio de Janeiro

setembro/2006

Agradecimentos

Em primeiro lugar, e sempre, agradeço à meus pais, Francisca Águida de Araújo Sales e Sebastião Ricardo Campelo de Sales. Nesse momento de extrema realização acadêmica, não posso, esquecer o valor que vocês me ensinaram a dar ao saber, como sendo a grande possibilidade de superação. Se hoje tenho a oportunidade de estar aqui, realizando mais um sonho é porque, houve um tempo em que vocês empurraram uma cadeira de rodas durante meses, e me fizeram compreender, dentre muitas outras coisas que, vale qualquer sacrifício, quando queremos aprender e que quando se ama e se é amado somos capazes de fazer coisas simplesmente fantásticas.

Agradeço de maneira muito especial a minha irmã Maria Clara de Araujo Campelo, que ao longo de todo esse tempo, me ajudou a amadurecer. Muitas vezes embora não soubesse, com sua admiração me fazia acreditar que as coisas iam dar certo. Amo você.

A minha orientadora, Maria Lúcia Rocha-Coutinho que acreditou nesse trabalho, me ajudou em todos os momentos. Professora, meu muito obrigada, por ter me ajudado a dar forma a esse sonho.

À Professora Leila Sanches de Almeida pela atenção e carinho.

À Professora Ana Lúcia Paes de Barros Pacheco, pela disponibilidade e receptividade.

A todas as professoras do EICOS, por toda a atenção a mim prestada ao logo desses anos.

A Marisa Lima, pelo carinho com que me tratou todos esses anos.

A minha prima querida, Joana D'arc de Araújo Silva, que sempre me incentivou a fazer mestrado, mesmo antes de eu saber o que era isso. Muito obrigada, por sempre enxergar em mim possibilidades que nem eu mesma sabia que tinha.

Aos meus queridos amigos, que ao longo desses anos acreditaram em mim e me ajudaram a preencher muitas horas com grandes gargalhadas. Porque é possível viver sem um grande amor, mas sem grandes amigos, a vida seria apenas chata.

À toda a turma de Mestrado e Doutorado de 2004 do EICOS. Vocês são especiais, muito obrigada pela companhia, foi um prazer tê-lo como companheiros de jornada.

Um agradecimento especial a Cecília Soares, pela colaboração, pela paciência e pelo carinho. Sua ajuda foi fundamental, muito obrigada.

A todas as entrevistadas da pesquisa, meu muito obrigada.

Ao Almt. Valdemar José dos Santos, e sua esposa, Cremilde dos Santos, que apesar da distância e do tempo, muitas vezes, ao longo da minha vida, fizeram o papel de meus anjos da guarda. Muito obrigada.

Professor Franco Lo Priesti Seminário (*In Memoriam*)
Ao professor que me ensinou, dentre muitas outras coisas o amor a ciência .

Eu que sempre sonhei, mas não acreditei muito em mim.
Tim Maia.

SUMÁRIO

I-Introdução	11
Capítulo 1: As concepções de Família e de Identidade Feminina na Antiguidade, na Idade Média e na Idade Moderna	17
1.1-O casamento na sociedade ocidental.....	18
1.2-As mulheres na Idade Média.....	20
1.3-O lugar da mulher na família Moderna européia.....	22
1.4-As mulheres que permaneciam solteiras na sociedade Moderna.....	27
Capítulo 2- A Família Colonial no Brasil.....	31
2.1- As mulheres que permaneciam solteiras no Brasil Colonial.....	35
Capítulo 3- As Mudanças na Sociedade Contemporânea em Relação a Homens e Mulheres.....	40
3.1- Feminismo no Brasil.....	41
3.2- As mudanças nas Leis.....	43
3.3- Situação das mulheres nas Contemporaneidade.....	45
3.4- A mulher que permanece solteira na classe média contemporânea..	47
Capítulo 4- Metodologia.....	52
4.1- Grupo estudado.....	53
4.2- Análise dos dados.....	55
1-Maternidade, família e trabalho.....	55
a-Maternidade.....	55
b-Família.....	60
c-Trabalho.....	65
2-Relacionamentos Afetivos.....	83
a- Relacionamentos Amorosos.....	68
b- Amizades.....	76

3- Vantagens e Desvantagens de ser solteira ou casada.....	79
a- Vantagens de ser solteira.....	79
b- Vantagens de ser casada.....	81
c- Desvantagens de ser solteira.....	82
d- Desvantagens de ser casada.....	84
Conclusão.....	87
Bibliografia.....	91
Anexo I (Roteiro da entrevista).....	96

INTRODUÇÃO:

Podemos observar, na atualidade, que as Ciências Sociais e Humanas de um modo geral têm cada vez mais se preocupado em não reproduzir teorias universalizantes em relação aos seres humanos. Há um crescente repúdio às generalizações inadequadas. Torna-se imprescindível levar em consideração diferenças sociais, culturais, econômicas, étnicas, geracionais e pessoais.

Assim, deve-se considerar hoje as diferenças entre homens e mulheres, não só no que diz respeito aos aspectos biológicos, muitas vezes os mais flagrantes, mas também e talvez principalmente no que tange às diferenças na construção do gênero masculino e feminino. Seguindo esse raciocínio, poderíamos afirmar que, da mesma forma, os homens não são iguais entre si, assim como as mulheres também não o são. Logo, para que se possa estudar qualquer característica da vida social dos seres humanos, no nosso caso mulheres, faz-se necessário localizar em que contexto social estas mulheres estão inseridas.

Qualquer contexto social institui como desejáveis os padrões de conduta e pensamento que devem ser seguidos pelas pessoas que dele fazem parte, para que se possa, ainda que hipoteticamente, prever o funcionamento daquele grupo social. Porém, nem todos os participantes de um determinado contexto social corresponderam satisfatoriamente às expectativas que foram neles depositadas. Os seres humanos, independentemente de serem homens ou mulheres, são atores sociais que se comportam em sociedade, não necessariamente de acordo com as regras por ela impostas, posto que cada um lida com as pressões sociais, ideologias e comportamentos padronizados, entre outros, de acordo com sua própria história de vida, suas expectativas as expectativas que deles são esperadas, especialmente por parte dos que lhes são mais próximos, como a família e os amigos.

Dessa maneira, as ideologias e práticas sociais estabelecidas ao longo do processo de formação e evolução de uma determinada sociedade, estejam elas ligadas a aspectos econômicos, políticos, sócio-culturais, ou a qualquer outro motivo circunstancial, acabam por moldar ideais que se consolidam nas práticas sociais daquela sociedade e/ou no imaginário de seus membros. Este é o caso, por exemplo, da idealização do casamento para as mulheres na sociedade ocidental. O casamento, vem sendo visto nestas sociedades como o maior anseio e finalidade última da vida afetiva e prática da mulher, ainda que esta possua uma vida profissional e afetiva de sucesso. Uma das concepções idealizadas da mulher é que ela só será “completa” se for casada e, principalmente, se for mãe.

Podemos notar, nos últimos anos, um grande número de trabalhos em Ciências Humanas e Sociais que têm se voltado para o estudo da participação das mulheres nos espaços público e privado na sociedade. Tais trabalhos têm ajudado a promover uma reavaliação e desconstrução de conceitos universalizantes, como o de que a mulher só se completa no casamento, e que, construídos pelas ideologias dominantes, não correspondem necessariamente à realidade da vida concreta das pessoas, sejam elas mulheres e/ ou homens.

Dessa maneira, é no cotidiano que vão se manifestar as discordâncias desse modelo ideal estabelecido por uma ideologia que se deseja hegemônica e que, portanto, pretende ser vista como única alternativa a ser seguida pelos indivíduos. E é, assim, no estudo do cotidiano que podemos observar as alternativas a esses modelos pré-determinados de vida destinados “naturalmente” a mulheres e homens na sociedade ocidental.

Grande parte dos trabalhos acadêmicos que têm sido desenvolvidos nas últimas décadas e que têm como objeto de pesquisa as mulheres e sua atuação nos campos profissional, familiar, afetivo, sexual e político, entre outros, visam melhor compreender como elas vivenciam de fato o cotidiano, como os desenvolvidos por Rose Marie Muraro e Miriam Godenberg, dentre outros. Tais trabalhos têm sido

extremamente relevantes, uma vez que, um maior conhecimento da subjetividade das diferentes mulheres atuais pode nos ajudar a melhor compreender suas atuações, dificuldades e recompensas entre outras coisas, nos espaços público e privado.

Sendo assim, o estudo sobre a mulher de classe média carioca que deseja permanecer solteira se torna pertinente, posto que vários estudos, em diferentes culturas, ao longo dos tempos vêm destacando a pretensa importância do casamento na vida de uma mulher. Cabe acrescentar aqui que um estudo sobre o desejo de algumas mulheres de permanecer solteira na atualidade adquire uma importância ainda maior quando se considera, que permanecer solteira sempre teve representações sociais extremamente negativas para as mulheres, representações essas bastante distintas, senão opostas no que se refere aos homens.

Em nossa sociedade, as mulheres que chegaram a uma determinada idade sem se casar ficaram conhecidas popularmente como “*solteironas*”. Tal termo é carregado de sentidos pejorativos, pois até meados do século XX a única fonte “digna” de subsistência e identidade da mulher na sociedade era conferida por seu estado civil de casada. Logo, a mulher que permanecesse solteira era considerada alguém que não havia conseguido cumprir o seu destino, casar e constituir família. De forma geral, a sociedade via a mulher que permanecia solteira como aquela que não havia sido escolhida, a mulher que havia sido rejeitada pelos homens, a que não foi digna do amor deles, dentre tantos outros significados. A “solteirona”, em suma, era uma mulher que nunca teria seu próprio “lar” para cuidar. Além disso, como não teria um marido para prover suas necessidades financeiras, como era esperado em uma sociedade patriarcal, tinha, muitas vezes, que exercer uma profissão, a fim de obter por seus próprios meios sua forma de subsistência, ou viver às custas de algum membro de sua família. Assim, a mulher que permanecia solteira era considerada uma *pária* na sociedade patriarcal, alguém que, de certa forma, dependia da “caridade” alheia, geralmente um irmão ou irmã, que permitia que ela morasse em sua casa em troca de alguma ajuda nos cuidados da casa e das crianças. Ela era, deste modo, estigmatizada nesta sociedade. (Beauvoir, 1988; Da Matta, 1991; Dauphin, 1992; Freyre, 1968; Goffman, 1982)

A idéia de que a completude da mulher só seria atingida com o casamento e os filhos, era fruto da idealização de uma estrutura familiar e social que impunha à mulher uma atuação restrita ao âmbito privado da casa, às atividades de cuidadora do marido, da casa e dos filhos. Nesse contexto, enquanto que a idéia do casamento para os homens, também fosse muito desejada socialmente, estava mais ligada a uma liberdade de escolha, posto que se pressupunha que eles tinham renda própria, para as mulheres se tratava da única maneira reconhecida como legítima de obtenção de recursos para a sua subsistência e, assim, de uma identidade social dotada de respeito por parte da sociedade.

São incontáveis as transformações que ocorreram na sociedade ocidental a partir da segunda metade do século XX, tanto no campo científico e tecnológico, quanto nas crenças, valores e comportamentos, produzidos e reproduzidos na sociedade. Tais mudanças se refletiram diretamente na organização familiar padrão existente até então, nas relações de gênero e, conseqüentemente, nos papéis e modos de agir das mulheres, principalmente as da classe média urbana, dentro e fora do âmbito familiar.

As mulheres de classe média dos grandes centros urbanos passaram a ser, a partir de então, cada vez mais estimuladas a assumir outros papéis nos espaços públicos, além daqueles de mãe e esposa e, assim, a aspirarem obter sua realização profissional e pessoal nos espaços públicos sem sofrerem retaliações por parte da sociedade.

A possibilidade de acesso ao mercado de trabalho e ao exercício profissional aberta às mulheres, sem uma conotação pejorativa associada aos avanços científicos e tecnológicos na área biológica, mais especificamente no campo do controle da natalidade, com o surgimento das pílulas anticoncepcionais, possibilitaram à mulher obter controle sobre sua vida financeira sem ter que depender de um homem, seja ele pai ou marido, bem como o controle sobre sua vida sexual e sobre seus corpos, dissociando sexo de procriação. Estas mudanças ajudaram a construir outras perspectivas de vida para as mulheres de classe média urbana, que iam além do casamento e da maternidade.

Contudo, ainda é possível perceber que as instituições sociais, implícita ou explicitamente, insinuam e cobram da mulher que se case e, assim, cumpra o que foi construído socialmente como o “normal”, aquilo que é esperado de uma mulher para que esta seja enquadrada dentro dos parâmetros de comportamento desejáveis, sem se considerar a história de vida e os anseios pessoais das próprias mulheres.

Além disso, apesar das mulheres de classe média, a partir da segunda metade do século XX, como apontado acima, terem começado a ser estimuladas a assumir papéis nos mais diversos espaços públicos e a alcançar uma realização profissional, essas mulheres são filhas e netas de mulheres que, ainda que as tenham estimulado a assumir um lugar no mundo público, eram donas-de-casa em tempo integral, e ao passarem valores para suas filhas e netas, também enfatizaram a importância da realização afetiva e pessoal obtida através do casamento e da maternidade.

Dessa maneira, as gerações desde então vêm sendo levadas a tentar conciliar esses diversos papéis sem prejuízos para o desempenho de nenhum deles. Essas cobranças têm gerado nas mulheres enormes conflitos, e não raramente culpa, em decorrência da frustração por não conseguir cumprir todas essas diferentes tarefas de modo satisfatório.

As mulheres de hoje não desejam apenas realização profissional ou familiar. Sentem também necessidade de dispor de mais tempo para si mesmas, para que possam participar mais ativamente da sociedade em seus diferentes âmbitos. Para muitas mulheres, assim o casamento deixa de ser uma prioridade, pelo menos a curto prazo e, para algumas, ele nem mesmo está entre suas perspectivas de vida futura.

Para inúmeras mulheres, contudo, os prazeres do casamento, da maternidade e das tarefas domésticas, continuam a ser vistos como extremamente gratificantes, como as atividades mais importantes em suas escalas de valores. Daí a generalizar tal valorização, hoje em dia, no entanto, é

bastante arriscado, pois para muitas outras o casamento e todas as suas possíveis conseqüências não exercem tal poder de atração.

O que se pode perceber hoje é que as mulheres de classe média que permanecem solteiras estão cada vez mais ativas, econômica e socialmente. Podemos dizer que uma das características marcantes da contemporaneidade é a ausência de um modelo único de vida a ser seguido, seja por homens, seja por mulheres (Bauman,2003). Contudo, discursos contraditórios acerca dos papéis a serem desempenhados por eles convivem em nossa sociedade e, em níveis distintos de consciência, no interior dos sujeitos. O “moderno” discurso da independência financeira e afetiva da mulher ainda convive com os antigos discursos que lembram a ela que suas atribuições devem se voltar prioritariamente para o âmbito doméstico, e que ainda acreditam que a mulher deve se casar e ter filhos para se sentir “*completa*”. Assim, cobra-se cada vez mais que a mulher seja uma “super-mulher”, isto é, seja capaz de conciliar os papéis exigidos pelo modelo tradicional, que confinavam a mulher no âmbito privado e, ao mesmo tempo, seja extremamente ativa e bem-sucedida na vida pública. É em meio a esse contexto histórico-social, muitas vezes contraditório, que se constitui a subjetividade da mulher que permanece solteira na contemporaneidade.

O objetivo deste trabalho é investigar, diante de discursos tão contraditórios sobre o que é ser mulher, como as mulheres cariocas de classe média que não se casaram se vêem, percebem suas vidas e a sociedade. Isto é, como elas vivenciam as questões que são consideradas importantes no espaço público- como o investimento em uma carreira profissional- e no espaço privado- como o investimento em uma vida afetiva e sexual mais satisfatória, no casamento e na maternidade.

Em suma, esta pesquisa se destina a investigar como está sendo constituída a subjetividade da mulher que permanece solteira na classe média carioca. Através do discurso dessas mulheres, se procurará formular um perfil de como estão sendo vivenciados por elas os diferentes aspectos de suas vidas, como o profissional, o social, o econômico, o familiar, o afetivo e o sexual, entre outros.

CAPÍTULO 1:
AS CONCEPÇÕES DE FAMÍLIA E DE IDENTIDADE FEMININA: NA
ANTIGÜIDADE E NA IDADE MÉDIA.

Para que possamos melhor entender o contexto em que se encontra atualmente a mulher que permanece solteira, objeto do nosso estudo, faz-se necessária uma breve retrospectiva histórica do papel que a mulher desempenhou no mundo ocidental, especialmente no Brasil. Isto porque tais concepções estão na base das representações sociais atuais acerca das mulheres, solteiras e/ou casadas.

Segundo alguns autores (Lévi-Strauss,1976), a origem da cultura e da sociedade se encontra na proibição do incesto, o que acarretaria o fechamento da família em si mesma. Quando a sociedade se estabeleceu, no intercâmbio de mulheres entre as famílias, foi possível o desenvolvimento e as diferenciações entre homens e mulheres, através das construções sociais dos papéis a serem desempenhados pelos diferentes sexos.

No presente capítulo, será traçado um breve histórico de como foram construídas, o conceito de casamento e, conseqüentemente, o de mulher. Este último, apesar das modificações ocorridas na sociedade em relação aos papéis a serem desempenhados pelas mulheres, ainda se apresenta, em grande parte, idealizado pela sociedade, como uma etapa importante para a formação da identidade feminina, e fundamental para que a mulher alcance mais respeito na sociedade.

Os papéis sociais de homens e mulheres, têm sua origem em um sistema de pensamento em que a divisão de trabalhos se dá segundo os gêneros, cabendo ao homem as atividades públicas e à mulher o espaço privado do lar. Dessa maneira ela ficava enclausurada dentro de casa cuidando dos afazeres domésticos e da família. Nos próximos capítulos, abordaremos como se deram as mudanças sócio-históricas que ajudaram a alterar a situação feminina e deram às mulheres, entre outros benefícios, a

possibilidade de permanecer solteiras por opção, ou por qualquer outra circunstância, sem o ônus que tal estado civil acarretava até então.

1.1- O casamento na sociedade ocidental.

As mulheres, assim como os homens, são seres dotados de individualidade e vontades próprias, em suma, são atores sociais e, assim, não respondem aos estímulos sociais das mesmas maneiras. Cada ser humano tem sua maneira particular de lidar com as crenças e expectativas sociais que neles são depositados, o que inviabiliza qualquer tipo de universalização que pretensamente tenha sido estabelecida como, por exemplo, a idéia de uma “essência” feminina ou masculina. Porém, é inegável que alguns paradigmas sociais foram decisivos na formação de modelos que se propunham hegemônicos.

Um desses modelos é aquele que afirma ser imprescindível que os seres humanos se casem, e, no caso da mulher, inclusive este fato é cobrado ainda com mais urgência. Tal modelo, apesar das inúmeras mudanças ocorridas na sociedade, continua a povoar, ainda que de maneira um pouco mais branda, o imaginário social.

Como já apontado acima, a sociedade e a cultura têm início, como assinala Lévi-Strauss (1976), com a proibição do incesto, como podemos observar na seguinte afirmação:

A proibição do incesto é o processo pelo qual a natureza se ultrapassa a si mesma. Acende a faísca sob a ação da qual forma-se uma estrutura de novo tipo, mais complexa, e se superpõe, integrando-as, às estruturas mais simples da vida psíquica (p.63).

A partir de então, a troca de mulheres entre as famílias e tribos se tornou uma constante, sendo valorizada culturalmente com a finalidade de estabelecer alianças entre as famílias e entre os diferentes grupos sociais. Assim, não é absurdo afirmar que as mulheres começaram a ser oferecidas em casamento como uma simples moeda de troca no momento mesmo do surgimento da sociedade e da cultura. Desde então, estas trocas, realizadas via casamento, sempre tiveram como finalidade o alcance de vantagens sociais para os grupos envolvidos. Como assinala Lévi-Strauss (1976),

Dá-se , portanto, com as mulheres o mesmo que com a moeda de troca cujo nome freqüentemente elas recebem , e que segundo a admirável expressão indígena, “figura o jogo de uma agulha de coser os tetos, que, estando uma vez fora e outra vez dentro, leva e traz sempre o mesmo cipó que fixa a palha (p. 520).

Nessa diferença de tratamento dada a homens e mulheres têm início as diferenciações entre os sexos. Esta distinção entre os sexos foi, ao longo do tempo, em diversos povos, reforçada pelo discurso social que enfatizava que tais diferenças eram determinadas pela biologia e, assim, foram atribuídas à natureza características que, na verdade, eram sócio-culturais.

O casamento, em especial para as mulheres, foi percebido, até bem pouco tempo na sociedade ocidental, não como uma instituição sócio-cultural, mas sim fruto como de uma tendência inerente ao fato de se nascer mulher. Nossa sociedade, segundo Foucault (1997), continuou a validar os discursos da Antigüidade Clássica Greco-Romana, em que o casamento, antes de ser visto como um dever moral, social, religioso e afetivo, era percebido como um desejo da “natureza”, como podemos observar na seguinte afirmação do autor sobre o casamento na Grécia antiga:

A obrigação de casar-se é, antes de mais nada, para os estóicos, a conseqüência direta do princípio geral que se apóia em dois tipos de reflexão. A obrigação de casar-se é, antes de mais nada, para os estóicos, a conseqüência direta do princípio de que o casamento foi desejado pela natureza e que o ser humano é levado a ele por um impulso que, sendo ao mesmo tempo natural e racional, é o mesmo em

todos. Mas ela também está implicada, a título de elemento, no conjunto de tarefas e deveres ao qual o ser humano não se deve furtar, a partir do momento em que ele se reconhece como membro de uma comunidade e parte do gênero humano: o casamento é um desses deveres mediante os quais a existência particular tem valor para todos(Foucault, 1997, pp. 18-19).

O discurso acima poderia tranquilamente se referir a qualquer cultura ocidental do século XX, e, mesmo nos dias atuais, não está totalmente fora de circulação, influenciando ainda a formação da subjetividade feminina. A perpetuação de um discurso como este deixa claro que as pessoas que não fossem casadas eram consideradas claramente como portadoras de uma anormalidade, posto que fugiam à suposta “natureza” de todos os seres humanos.

Podemos perceber, já na Antigüidade Grega, a nítida diferenciação entre os sexos. Divisão esta que, já naquela época, situava a mulher como ser inferior e passivo. Como destaca Sissa (1990), quando Platão escreveu a *República*, idealiza uma cidade na qual as mulheres deveriam ser educadas como um homem, mas não consegue se desvencilhar da idéia de que “*façam elas o que fizerem, e podem tentar fazer tudo, fá-lo-ão menos bem.*” (p.86).

Cabe aqui lembrar que o berço da civilização ocidental foi, sem dúvida alguma, a Grécia e, assim, um dos legados da Antigüidade foi a idéia de que a mulher é inferior ao homem.

I.2- As mulheres na Idade Média.

Durante toda a Idade Média, as famílias européias viviam em feudos e em moradias coletivas onde habitavam as famílias extensas. Os produtos eram confeccionados artesanalmente em casa, o que fazia de toda a família uma unidade produtora de bens para a sua subsistência.

A Idade Média corresponde ao auge do poder clerical no mundo ocidental. A igreja Católica destina à mulher um papel secundário na sociedade, já que ela sempre pregou que a mulher é inferior ao homem, é tida como tentadora para o homem, e a única maneira dela fugir ao seu destino de pecadora é casando-se ou se dedicando à religião, sempre deixando claro que ela deve submissão ao homem. A igreja também instituiu normas rígidas com relação ao casamento e deu-lhe o status de sagrado ainda no século VIII. Ao ser considerado um sacramento, ficou instituído que o casamento seria perpétuo e que a sua dissolução seria impensável (Yalom, 2002). A impossibilidade de separação de uma união, como aponta Yalom (2002), era tida como uma grande vantagem para a mulher, já que o casamento era sinônimo de “*segurança*” para ela, que teria sempre um homem ao seu lado para prover suas necessidades e as de sua família, vantagem que uma mulher solteira não possuiria.

Nessa época, em vários países europeus, os homens tinham por lei o direito de aplicar castigos físicos em suas esposas, se assim julgassem necessário. Dessa maneira, o marido era considerado o dono legal e religioso de sua esposa. O casamento tinha nesse momento, em grande parte, objetivos econômicos. Assim, para se casar, as mulheres do campo precisavam de um dote e os homens precisavam exibir talento para o trabalho no campo.

Já nas classes mais altas, os casamentos eram sinônimo de acordos de transmissão de heranças e de poder. Deste modo, os pais se preocupavam em encontrar pares apropriados para seus filhos, de forma a garantir que seus nomes fossem eternizados nas próximas gerações. Assim, filhas mulheres dos nobres tinham uma vigilância atenta, para que permanecessem virgens e garantissem a pureza da linhagem de seu marido, que devia pertencer ao mesmo extrato social. O casamento ficou, desta forma, mais uma vez caracterizado, para as mulheres, como um mero acordo econômico entre a sua família e a de seu noivo, não sendo levados em consideração os seus desejos.

Por outro lado aos homens era permitido, em algumas situações especiais, escolher mulheres mais pobres, posto que a lei em vigor era a da Progenitura, que dava ao filho mais velho o direito de herdar todas as propriedades da família. Tal fato acabou por fazer com que o contingente de homens solteiros fosse bastante grande naquela época (Yalom,2002).

Podemos observar que o legado que a Idade Média nos deixou como valor, no tocante ao casamento e à mulher, é que o casamento, tirando a ordenação religiosa, era a única possibilidade da mulher obter alguma segurança material e aceitação moral e religiosa. Ainda que fosse considerada objeto de troca pelo pai ou outro homem por ela responsável, e que o marido detivesse direitos absolutos sobre ela, era melhor para a mulher se casar do que permanecer solteira.

Podemos observar, a seguir, como tais valores e práticas foram modificados e, em parte, conservados pela família europeia da Era Moderna, que acabou por influenciar a configuração da família brasileira, moldando as práticas e mentalidades acerca dos significados de casamento e família, bem como o que é ser mulher, e em especial, o que é ser uma mulher solteira no Brasil.

1.3- O Lugar da Mulher na Família Moderna Européia.

Com o fim da Idade Média, as famílias europeias passaram a migrar para as cidades, e, com o advento da Indústria, a família como unidade produtiva foi praticamente eliminada, abrindo espaço para a implantação de um novo modelo de vida que vamos descrever em seguida.

Tal modelo, que guiou o pensamento e a conduta de homens e mulheres nas sociedades ocidentais até a primeira metade do século XX, surgiu com a revolução burguesa e o advento da sociedade industrial na Europa do século XVIII, e baseava-se na divisão de trabalho e de esferas de

atuação entre os sexos. Nele, aos homens caberia trabalhar “fora” de casa e receber salários pelos serviços prestados, enquanto que as mulheres deveriam se dedicar à casa, realizando as tarefas domésticas, educando e cuidando dos filhos, serviços estes que não eram remunerados. O casamento, para a mulher, antes de ser visto apenas como uma escolha amorosa, era fundamental para a obtenção de sua subsistência econômica, já que, em condições “normais”, pelo menos para a mulher das classes mais abastadas, era vetado o acesso ao mundo público e, conseqüentemente, ao trabalho assalariado.

Jeni Vaitsman (1994) destaca duas características importantes que vieram no bojo do capitalismo industrial e que contribuíram grandemente para que a “*construção social do gênero moderno*”.

Primeiro, a diferenciação institucional entre distintas atividades sociais, fazendo com que a família perdesse seu caráter de unidade produtiva voltada para o mercado. Segundo, a hierarquização entre as atividades a partir de então classificadas como produtivas e improdutivas. As atividades produtivas – o trabalho remunerado- tornaram-se um domínio masculino. E as improdutivas – o trabalho doméstico- domínio feminino (p.29).

Tal distinção entre os sexos foi ainda mais reforçada pelo discurso de que as diferenças de atribuições nos mundos público e privado eram determinadas por condições biológicas, isto é, eram atribuídas às naturezas distintas de homens e mulheres, e não a características sócio-culturais. Com o discurso do biológico, cria-se a idéia de que há forças que determinam, à revelia dos indivíduos, papéis e posições sociais dos quais eles não conseguem escapar (Rocha-Coutinho, 1994).

É possível observar, em obras como a de Jules Michelet (1798-1874), que o grande desejo da época era fazer com que o casamento fosse aceito universalmente como destino da mulher. A idéia principal é a de que “*a mulher não vive sem o homem*”, já que não tem constituição biológica para trabalhar em uma indústria, em que tinha que desempenhar uma função repetitiva durante o dia

inteiro. Conseqüentemente, o fato de não ser capaz de se sustentar financeiramente por não ter sido feita para trabalhar fora de casa, associado aos salários nada atraentes por elas recebidos quando estavam empregadas, formavam parte dos argumentos a favor da obrigatoriedade do casamento para as mulheres.

Podemos observar nos trechos abaixo que o pensamento acerca da mulher na Europa do século XIX deixava claro que elas haviam sido projetadas biologicamente para o trabalho doméstico:

Na realidade, a mulher não pode trabalhar muito tempo nem em pé nem sentada. Se fica sempre sentada, o sangue lhe sobe, o peito fica irritado, o estômago perturbado, a cabeça injetada. Se se mantém muito tempo em pé, como passadeira, como aquela que compõe em impressão, tem outros acidentes sangüíneos. Pode trabalhar muito, mas variando a posição, como faz em casa, indo e vindo. Cumpre que ela tenha uma casa, cumpre que seja casada (Michelet, 1995, p.23).

Dessa forma, ficou determinado “naturalmente” que aos homens caberia o espaço público e às mulheres o espaço privado, sem possibilidade de contestação. A mulher, com sua constituição física supostamente frágil, e com o desejo “natural” de ser mãe, de se dedicar integralmente aos outros, supostamente não deveria apresentar nenhum interesse em desempenhar uma função pública que a desviasse de seu “caminho natural” de cuidadora abnegada da família e de senhora de respeito. O homem, ao contrário, tinha uma inclinação “natural” para a vida fora de casa, era mais forte, podendo assim trabalhar mais do que a mulher, e era menos sensível e, por isso, incapaz de compreender e lidar com os filhos tão bem quanto as mulheres. Esse discurso dicotômico selava a distinção entre as atribuições públicas e privadas a serem desempenhadas diferencialmente por homens e mulheres.

Até o século XX, vários pesquisadores em Sociologia e Psicologia Social procuraram provar cientificamente que a mulher era um ser biologicamente inferior ao homem. Lígia Amâncio (1994), aponta os inúmeros estudos que, levando em consideração a menor quantidade de massa cerebral

supostamente presente nas mulheres, considerava este dado como um sinal claro da inferioridade intelectual das mulheres com relação aos homens.

Durkheim (em Amâncio, 1994), por exemplo, aponta a divisão sexual do trabalho como uma característica que assinala a civilização das sociedades e, para isso, a inferiorização feminina era uma das condições necessárias. Este autor recorre, para justificar a inferioridade das mulheres, ao tamanho inferior do cérebro feminino e, conseqüentemente, às propriedades intelectuais reduzidas. Estas, associadas à sua maior fraqueza física, faziam com que as mulheres fossem talhadas para as relações afetivas.

Assim, as mulheres foram definidas cientificamente à luz de suas constituições físicas e biológicas, o que acabou por reafirmar sua função social. (Amâncio,1994). A relação que ligava o homem à cultura e a mulher à natureza acaba por alcançar um caráter quase que sagrado nas sociedades modernas, posto que a ciência tem, nesse momento, peso de verdade absoluta e endossa a ideologia presente nos discursos do senso comum. Como aponta Amâncio (1994),

A monocausalidade de um tal modelo de análise contribui, sem dúvida, para a facilidade da sua generalização ao nível do conhecimento do senso comum, e esta popularidade resulta ainda, segundo Archer (1978,p 8), do facto das explicações biológicas substituírem, nas sociedades modernas, as crenças religiosas numa “ordem natural das coisas” que se encontra assim “cientificamente” legitimada (p.19).

Este discurso “naturalizou” os traços que deveriam fazer parte da constituição do ser feminino, como docilidade, compreensão, baixa assertividade, doação incondicional e necessidade de cuidar das pessoas, delicadeza, recato, entre outros. Tais características apontavam para uma vocação inata da mulher para a maternidade e o casamento.

Outro fator importante que, para autores como Jules Michelet (1994), colaborou para o fortalecimento do confinamento da mulher em casa, foi a desvalorização das atividades de trabalho remunerado quando exercidas por mulheres. A remuneração destas era bastante inferior àquela obtida por homens que exerciam a mesma função, o que fez com que muitas operárias das indústrias francesas da época morressem de fome. Este autor revela que, geralmente, o homem operário tinha uma remuneração quatro ou cinco vezes maior do que a da mulher:

“Ganho muito pouco”, diz ele. Quatro ou cinco vezes mais do que a mulher, nas profissões mais numerosas. Ele quarenta ou cinquenta tostões, e ela dez, como vamos ver. A pobreza do operário seria para a operária riqueza, abundância e Luxo (p.16).

Esta família européia da época moderna, que chegou ao Brasil com algumas adaptações à nossa realidade, se caracterizava por ser nuclear, individualizada, hierarquizada e privatizada. Cabe assinalar ainda aqui que, com o início da era industrial, enfatizou-se o amor materno, já que, com a privatização da família, pôde surgir mais intimidade entre os membros do núcleo familiar (Ariés, 1973; Costa,1979, Vaitsman,1994). Até o século XVIII, a criança não recebia maiores cuidados -como higiene, educação e afeto-, por parte da família e da sociedade, sendo até comum que as famílias de classe alta abandonassem seus filhos à própria sorte e o infanticídio fosse também uma prática bastante utilizada na Europa. Só com a instalação da família burguesa moderna é que se instaurou uma nova organização familiar mais intimista, que trouxe em seu bojo, além dos cuidados para com a prole, a cobrança, principalmente dirigida à mulher, para que o lar fosse um reduto afetivo, ao qual a mulher deveria devotar boa parte de sua existência (Costa,1979; Almeida, 1987).

Dessa forma, podemos perceber que todo o discurso dirigido à mulher burguesa visava regular seu comportamento, a fim de mantê-la no espaço privado, através da propagação da idéia de que a

natureza feminina estava voltada para a imanência e a do homem para a transcendência (Ariès,1979; Badinter,1980; Beauvoir,1949;Costa,1979; Forna,1999; Rocha-Coutinho,1994; Rago,2004) .

Com a família nuclear burguesa européia, se solidifica a visão de que a única fonte de felicidade acessível à mulher era o casamento e a maternidade, e é a partir desse discurso que vai ser constituída a subjetividade feminina ocidental até meados do século XX. Qualquer mulher que ousasse, por algum motivo e acaso, fugir a esse modelo, era punida com a segregação social. No Brasil, a família jamais nuclearizou-se por completo como na Europa, mas a introdução dessas novas normas de conduta afetou o modo de homens e mulheres se comportarem. A separação entre amor e sexo, prática comum nas elites patriarcais rurais, se tornou, a partir de então, condenada pelos higienistas, e o casamento passou a ser o lugar aonde a sexualidade e o amor deveriam estar entrelaçados. O casamento passou, assim, a ser regido pelo código amoroso (Vaitsman,1994).

1.4- As mulheres que permaneciam solteiras na sociedade Moderna

Simone de Beauvoir (1988), sintetiza no trecho a seguir, a imposição da sociedade moderna para que a mulher se casasse. Tanto que segundo esta autora, é frente à mulher casada que a mulher solteira se define:

O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda as mulheres de hoje ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser. É em relação ao casamento que se define a celibatária, situa-se ela frustrada, revoltada ou mesmo indiferente ante esta instituição (p.165).

Apesar das mudanças trazidas com o surgimento da família conjugal moderna, não se suprimiu uma antiga forma de exclusão social feminina, a que diz respeito às mulheres que permanecem solteiras, vulgarmente chamadas “solteironas”. Na nova família, cujo modelo estava centrado, pelo menos em tese, no grupo formado por pai, mãe e filhos solteiros, as mulheres que depois de passada a época de se casar permaneciam “sós” não deixaram de ocupar lugar desconfortável, não apenas na família como também na sociedade, de um modo geral. As mulheres continuavam a ser educadas única e exclusivamente para casar, ter filhos e cuidar de um lar. A mulher que permanecia solteira, assim, provocava uma ruptura no modelo vigente, causando estranheza e incomodando a sociedade que a havia preparado para o casamento.

Neste contexto, as mulheres que permaneciam solteiras eram consideradas o anti-modelo da mulher ideal (Douphin,1991, Beauvoir,1988). No Brasil urbano do século XIX, as mulheres que não se casavam: ou permaneciam na casa do pai, ou moravam na casa de algum parente como agregadas, devotadas ao cuidado das crianças e dos afazeres domésticos, sem voz ativa para dar alguma ordem na casa ou comandar a própria vida, já que, como assinalamos acima, as mulheres, de maneira geral, eram tuteladas pelos homens (Freyre,1968).

As mulheres solteiras, assim, se viam furtadas da condição de exercer os principais papéis destinados à mulher na época, os de esposa e mãe, que só eram viáveis através do casamento. Algumas vezes, para se sustentar, elas eram impelidas a exercer atividades remuneradas na esfera pública, o que as deixava também em posição desconfortável, posto que sua atuação no mundo do trabalho, por não estar em consonância com o que se esperava das mulheres, gerava muita discriminação.

Quando precisavam entrar no mercado de trabalho, as mulheres geralmente exerciam profissões de cuidadoras -professoras, enfermeiras ou governantas -, que quase sempre lembravam o tipo de

trabalho que a mulher exercia na esfera privada. Assim, ainda que recebessem um salário por isso, o trabalho a que se dedicavam estava ainda muito ligado aos atributos esperados do sexo feminino. Além disso, na maioria das vezes, elas não encaravam esse trabalho como o exercício de uma profissão, mas, antes, apenas como uma forma de se manter economicamente, através da venda de um tipo de trabalho para o qual haviam sido educadas e que, supostamente, deveria ser exercido gratuitamente (Douphin, 1992; Carvalho, 2001).

Michelet defende em sua obra *A Mulher*, de 1859, que a mulher solteira deveria ter o direito de aprender uma profissão, como a de governanta ou professora, sem desonra alguma, já que, por alguma fatalidade, ela se viu obrigada a viver sem um homem. Este autor, contudo, deixa claro que a vida de uma “mulher sozinha” está continuamente exposta a “uma infinidade de eventualidades escabrosas”, podendo ter desfechos por vezes trágicos. É importante notar que o autor destaca os tipos de atividades profissionais que as mulheres solteiras estariam liberadas para exercer.

Este autor assinala que é preferível a pobreza da mulher casada do que o possível sucesso profissional de uma mulher solteira. Michelet defende, ainda, que as mulheres deveriam participar de uma educação baseada em exames, a fim de ajudar o marido. Tal incentivo dava uma ínfima esperança às mulheres de ascender em qualquer carreira profissional.

Às solteiras também era negada a liberdade sexual, pois a atividade sexual feminina só era aceita dentro do casamento, com fins reprodutivos e para cumprir as “obrigações de esposa”. Como aponta Teixeira (2004), a preservação da virgindade de uma moça está ligada a preservação da sua honra, à sua pureza, pois, em última análise, a virgindade é a moeda de troca, o selo de garantia de qualidade que a moça burguesa podia oferecer no matrimônio. Tal sistema de pensamento e prática, segundo este autor, era estimulado por um intrincado jogo de recompensas e penalidades institucionalizadas. A preservação da virgindade assegurava a manutenção do bom nome da família e oferecia à família do

noivo um produto com a garantia de que a prole gerada pela mulher era exclusivamente do marido. A perda da virgindade podia inviabilizar as possibilidades de uma moça se casar.

A sociedade dividia as mulheres em dois grupos: as “*virtuosas*”, que eram as mulheres que não se rendiam aos apelos sexuais fora do casamento, e as “*perdidas*”, que ousavam gozar de algum tipo de liberdade sexual fora do casamento (Giddens,1992). A mulher que permanecesse solteira e quisesse merecer algum respeito social estava condenada, assim, ao celibato eterno. Como o celibato, excetuando-se aquele praticado em virtude de vocações religiosas, rebaixava a mulher ao nível de parasita, uma vez que ela deixava de cumprir um de seus destinos maiores – o de contribuir para a formação de novos cidadãos-, a mulher que permanecia solteira era tratada como um pária social.

O casamento era a única maneira pela qual ela poderia obter algum grau de integração social. Só através do casamento a mulher poderia ser integrada na coletividade, pois havia conseguido a proteção de um homem que possuía o passaporte para o mundo público, e isso tinha grande valor na época (Beauvoir, 1988; Costa,1979; Dauphin, 1991).

Podemos perceber, como aponta Rupp (2002), que ficar solteira era uma condição considerada “deplorável”. Pode-se aqui traçar um paralelo com as observações de Lévi-Straus (1972) sobre algumas tribos estudadas por ele, em que as pessoas que não eram casadas eram consideradas indivíduos incompletos, pela metade, e estavam, assim, no mesmo patamar de segregação social dos aleijados, dos órfãos e feiticeiros, sendo tratados como vítimas de um mal sobrenatural. O tratamento dispensado às mulheres que permaneciam solteiras na civilização ocidental não era muito diferente.

CAPÍTULO 2

A FAMÍLIA COLONIAL NO BRASIL

No Brasil colonial, a economia baseava-se na produção rural e a mão-de-obra utilizada era a escrava até o século XIX. Essa configuração econômica findou por retardar até o início daquele século uma maior ocupação dos meios urbanos. A vida social das mulheres brancas era extremamente restrita à sua casa na fazenda, ao trabalho de comandar a casa e os escravos e, quando casadas, a dar à luz filhos que continuariam a linhagem paterna. Além disso, o casamento era tratado como um simples comércio, em que a moça que não possuísse um dote- costume importado da Europa medieval- permaneceria solteira (Costa, 1979; Nazzari, 2002; Yalom, 2002).

Com a chegada da família Real em 1808, houve o que se convencionou chamar de “reuropeização” do Brasil, como assinala Gilberto Freyre (1961). As famílias nobres mudaram-se do campo para a cidade, fato que, a princípio, aumentou a integração social das mulheres, já que agora elas podiam freqüentar os salões e “saraus” e, assim, estar em contato com um maior número de pessoas do que anteriormente, quando ficavam confinadas dentro de suas fazendas. Deu-se o que Almeida (1987) denomina de mundanização dos costumes.

Neste momento, instalou-se, através do discurso médico - que ganhou força na Europa e acabou por chegar ao Brasil-, o que ficou conhecido com “*o culto à domesticidade*”(Lasch,1999), em que novos valores deveriam ser adotados pelas famílias nestes novos tempos . Tais valores tentavam combater a libertinagem da aristocracia, indo contra a chamada imoralidade pública.

No Brasil, tais tendências vão ser traduzidas em termos de normas de comportamento. É o caso, por exemplo, da ênfase sobre a higiene, que visava proporcionar um ambiente “sadio” para o desenvolvimento de todos os membros da família, preocupações inexistentes no Brasil até então. Tal projeto de higienização social, segundo Costa (1979), fez com que a família se transformasse em uma sucursal da “polícia médica”, vigiando e punindo todos aqueles que não estivessem cumprindo com os padrões estabelecidos pelos higienistas. Dessa maneira, os homens continuaram a oprimir as mulheres, agora com o aval do discurso médico. O casamento se torna agora uma “instituição higiênica” (Costa,1979), no qual o que está em jogo é o laço afetivo que liga o casal, e não mais fatores de ordem

econômica. A constituição de uma nação saudável é um dos principais objetivos a ser alcançado e, assim, a mulher precisa gerar filhos saudáveis.

É a partir desse momento, com a maior ocupação das cidades, que muda também o poder econômico das famílias, surgindo um grande número de comerciantes, pequenos proprietários e uma infinidade de profissionais liberais. Os pais já não dispunham de tanto dinheiro para investir nos dotes das filhas. Como podemos observar no romance *Senhora*, de José de Alencar, por exemplo, que data do século XIX, a mulher que não possuía um dote estava condenada a não se casar. O autor faz uma crítica ao modelo que ainda estava em voga no Brasil. Tal mudança econômica acabou por alterar os motivos pelos quais a escolha dos pares matrimoniais eram feitas. Já que o dinheiro do dote estava deixando de ser o principal motivo de escolha, abria-se o campo para que outros valores pudessem ser levados em conta na hora do casamento, como o amor, por exemplo.

Podemos observar isso no movimento literário que dominava o país na época, o Romantismo, também importado da Europa. Este movimento tinha como um dos principais elementos a idealização do amor e de todos os sentimentos “nobres” que uniam os casais, em detrimento do dinheiro, e ressaltava a pureza, a docilidade e a beleza da mulher amada, sempre desprotegida e dona de um caráter inabalável. Nesse momento, há, ainda que aparentemente, um leve declínio do poder patriarcal absoluto (Nazzari,2002).

Porém, como afirma Angela Mendes de Almeida (1987), o processo de modernização da família no Brasil não foi realizada substituindo-se o modelo de família “tradicional” existente no Brasil até então. Para esta autora houve uma coexistência de modelos, uma espécie de aclimatação do novo ao tradicional, dando origem à família conjugal contemporânea brasileira.

Na realidade, nunca houve no Brasil a nuclearização da família como se deu na Europa, pois, até hoje, o modelo de família extensa continua pregnante em nossa sociedade. As modernas idéias de família européias chegam ao Brasil e encontram uma realidade totalmente diferente da realidade européia. Como aponta Ângela Mendes de Almeida:

esta idéia importada não encontra, portanto uma tabula rasa. Tentam aclimatá-la ao Brasil (...), mas a realidade local resiste, (...) moldando-a ao cerne da mentalidade anterior (pp. 57-58).

Como aponta Costa (1979), um dos novos conceitos implantados na época foi o da “mãe-higiênica”, que pregava, entre outras coisas, que a boa mãe tinha a obrigação de amamentar os filhos e criá-los com todo amor e dedicação; agora, deixá-los nas mãos das escravas passou a ser considerado uma negligência. Esta mudança no papel a ser desempenhado pela mulher, assinala este autor, é fruto de um movimento histórico duplo: de um lado, a emancipação feminina do poder do patriarca e, de outro, a “colonização” da mulher pelo “novo” poder exercido pelo médico sobre o comportamento feminino. Este discurso higienista explicita quais são as novas atribuições de homens e mulheres, assegurando a superioridade intelectual do homem e a total incapacidade da mulher para exercer qualquer papel na esfera pública. Nas palavras de Costa (1979),

Os higienistas colaboraram no processo de hierarquização social da inteligência... difundiram simultaneamente, o preconceito de que o cérebro do homem capacitava-o para profissões intelectuais enquanto o da mulheres só lhe permitia exercer atividades domésticas (p.14).

Estas relações desiguais entre homens e mulheres, além de estabelecerem uma separação nítida entre as esferas pública e privada, mantinham a mulher confinada em casa, só que agora atribuíam a ela o título de “Rainha do Lar” (Almeida, 1987). A seguinte afirmação de Vaitsman (1994) pode nos dar uma boa noção dessa divisão de esferas e da posição da mulher brasileira na época:

A família privatizou-se, com a conseqüente exclusão das mulheres das práticas que, na construção das sociedades modernas, passaram a ser exercidas numa esfera pública, que se transformou na medida não só de poder, prestígio e riqueza, mas também de cidadania (p.15).

As mulheres no Brasil também não eram consideradas cidadãs. Posto que não exerciam funções públicas, não poderiam ser detentoras de direitos e deveres que não lhes fossem outorgados pelo marido ou pelo pai, de quem eram propriedade. Como aponta Mary Del Priore(2003), embora as mulheres do Brasil colônia tenham participado ativamente da formação do país, ocupando diversos lugares nos mais diferentes grupos sociais e religiosos, há uma espécie de “invisibilidade” dessas mulheres, pois, segundo essa autora, sua condição de mulher fazia com que elas fossem niveladas

“aos de baixo”, já que, em sua maioria, mesmo as mulheres da elite eram analfabetas, antes da chegada da família real portuguesa, como se pode observar no seguinte trecho do relato de um viajante, estrangeiro e que Miriam Moreira Leite (1983) transcreveu em sua obra *A condição feminina no Rio de Janeiro – século XIX*:

é preciso que se lembre que as mulheres das classes altas e médias, e especialmente as mais moças, vivem muito mais reclusas que em nossa própria terra. O pouco contato que os costumes com elas permitem, dentro em breve, põem a nu a sua falta de educação e instrução. Isto, aliás, fazia parte do sistema declarado; estava assentado que o saber ler para elas não devia ir além do livro de rezas, pois isso lhes seria inútil, nem tampouco se desejava que escrevessem a fim de que não fizessem, como sabiamente se observava, um mau uso dessa arte. A ignorância entre elas predominava, ao tempo que vieram o Regente e seu séquito, era enorme de todos conhecida e muito lamentada pelos recém-vindos (Luccock, 1813, em Leite, 1983, p.68).

Dessa forma, sem acesso a qualquer tipo de instrução escolar e formação cultural, a mulher se via impedida de ocupar cargos públicos, como qualquer cargo elevado no serviço público ou privado, bem como o de autoridade religiosa, posto que os cargos máximos da igreja católica, até hoje são exercidos, única e exclusivamente, por homens. Tal fato lhes negava a chance de obter reconhecimento público por seu trabalho, como se pode observar no seguinte trecho de Mary Del Priore (2003):

O sistema patriarcal instalado no Brasil colonial, sistema que encontrou grande reforço na Igreja Católica que via as mulheres como indivíduo submissos e inferiores, acabou por deixar-lhes, aparentemente, pouco espaço de ação explícita (p. 9)

Essa mesma autora, contudo, destaca que essa “invisibilidade” a que se refere era apenas aparente, pois, tanto na família, quanto no mundo do trabalho, as mulheres da colônia foram hábeis

em criar estratégias para que elas próprias ou algum membro da família ou da comunidade em que estavam inseridas tivessem acesso a algum tipo de poder ainda que de forma indireta.

2.1-As mulheres que permaneciam solteiras no Brasil colonial:

No Brasil colonial, quando da passagem da família patriarcal de sua moradia rural para os sobrados urbanos, as moças com vinte anos já eram consideradas “solteironas”, já haviam “ficado prá titia”, eram “mulheres passadas”, “já não cozinham na primeira fervura”. É comum encontrarmos na literatura brasileira da época a imagem da mulher que permanecia solteira como a beata, que se dedicava de corpo e alma à igreja, como uma mulher histérica, devido à repressão sexual (D’Ávila Neto, 1980; Teixeira, 2004), ou, ainda, retratada através de figuras como a de governantas extremamente inflexíveis e sádicas. Enfim, as mulheres solteiras eram quase sempre, retratadas como mulheres infelizes, duras e/ou com sérias perturbações mentais.

De um modo geral, as mulheres solteiras no Brasil até a primeira metade do século XX permaneciam na casa dos pais até a morte destes. Depois, era comum irem morar na casa de um irmão ou irmã casados, o que, muitas vezes, era resultado, não de um ato espontâneo, mas sim de uma obrigação de ambas as partes. Dessa maneira, a mulher solteira se sentia em dívida, e era comum que assumisse papéis que não lhe eram propriamente agradáveis, como os trabalhos domésticos. Além disso, ela tinha que obedecer às regras da casa e fiscalizar o comportamento dos jovens. O fato de ter que tomar conta dos sobrinhos pode ser observado no seguinte trecho do texto do livro de DaMatta (1991) *A casa e a rua*, ao relatar um fato ocorrido com sua tia “solteirona”, em que o autor acaba por revelar um pouco do modo de vida de uma mulher que permanecia solteira no Brasil até meados do século XX:

Tia Amália era irmã de meu pai solteirona que sempre viveu conosco e que tomava conta de nós todos, então crianças....Acordada e calma ela olhou para nós que ali dormíamos velados por sua solteirice (p.153).

Eram elas que fiscalizavam os namoros dos sobrinhos e sobrinhas – algumas agiam com muita rigidez, outras com tolerância – se qualquer atitude que tivessem que desagradasse alguém da casa era atribuída ao fato de serem solteironas e, presumivelmente, não possuírem uma vida sexual ativa (Teixeira, 2004). No seguinte trecho, Gilberto Freyre (1968) nos coloca fala das ocupações das mulheres que permaneciam solteiras no Brasil patriarcal:

a maior vítima do patriarcalismo em declínio..foi talvez a solteirona. Abusada não só pelos homens, como pelas mulheres casadas.Era ela quem tanto nos dias comuns como nos de festa ficava em casa o tempo todo, meio governanta , meio parente pobre, tomando conta dos meninos, botando sentido nas escravas, cosendo, cerzindo meia, enquanto as moças casadouras iam teatro ou à igreja. Nos dias de aniversário ou de batizado, quase não aparecia às visitas: ficava pela cozinha, pela copa, pelos quartos ajudando a enfeitar os pratos, a preparar os doces, a dar banho nos meninos, a vesti-los para a festa. Era ela também quem mais cuidava dos santos (pp.126-127).

Em um mundo em que a mulher era considerada um ser inferior, pelo menos socialmente, permanecer solteira realmente punha as mulheres em um lugar sem nenhum prestígio.

Diante dessas condições de vida extremamente desagradáveis, não era incomum que, pela falta de pretendentes, pela escolha de um pretendente que não agradava a família, pela perda da virgindade ainda solteira, pelo interesse da família em alguma herança que a moça possuísse, ou, ainda, diante da impossibilidade de fornecer dotes para todas as filhas -prática que era comum ainda no Brasil do século XIX-, as famílias de classe média e a elite internassem as filhas em conventos, a fim de abraçar a vida religiosa. Tal fato gerava algum *status* para a família, posto que, ter um membro religioso trazia

prestígio, enquanto que ficar “solteirona” era uma vergonha para a família. Além disso, preservava-se a honra e o nome da família, já que, ficando enclausuradas, longe dos comentários maldosos e da possibilidade de estabelecerem relacionamentos fora do casamento, as impedia de cair na condição de mulher “desonrada”, “desvirtuada”, “perdida”.

Enfim, permanecer solteira constituía um perigo também para a sua honra moral e, conseqüentemente, para a de toda a sua família. O enclausuramento, nas palavras de Leila Mezan Algranti (1993), é explicado da seguinte forma:

Trata-se de afastar as mulheres do contato com o mundo e do espaço público, a fim de purificá-las, protegê-las ou puni-las (p.51).

Tal decisão não levava em consideração, necessariamente, a vocação religiosa dessa mulher. Posto que, como já apontamos acima, elas eram tuteladas de forma vitalícia pelos homens, isto é, não eram donas de si mesmas, e de sua própria vida. Há muitos relatos mulheres internadas em conventos por motivos alheios a suas vontades durante o período do Brasil colônia. Algumas internações não tinham como finalidade que a moça fizesse votos perpétuos. Em alguns de casos, as moças eram internadas a fim de mudarem de opinião a respeito da recusa a algum pretendente escolhido pelo pai (Algranti, 1993). Por vezes, contudo, a finalidade da internação era que a moça fizesse votos perpétuos. Há, inclusive, muitos relatos de moças que desenvolviam sérias perturbações mentais, ou quando permaneciam lúcidas passavam toda a existência de maneira muito infeliz.

Internadas, elas viviam para sempre apartadas do mundo que conheciam, pois raramente conseguiam permissão para abandonar a vida religiosa e só podiam receber visitas quando permitidas pelos tutores e religiosos superiores, sem jamais, contudo, receber visitas de homens que não os responsáveis pela sua internação no convento e, de maneira alguma, podiam conversar a sós, nem com seus familiares (Algranti,1993; Leite, 1993).

Desse modo, Teixeira (2004) conclui que as únicas alternativas possíveis para que as mulheres que permaneciam solteiras saíssem da situação desconfortável em que se encontravam em uma casa que não era a sua, era, ou entrar para um convento e passar o resto de suas vidas enclausuradas, ou aceitar qualquer proposta de casamento, que recebessem, como uma “tábua de salvação”, como se fosse a última chance de obter algum respeito por parte da sociedade e, enfim, “conquistar” um lugar próprio.

A quase que obrigatoriedade do casamento para mulher permaneceu como o objetivo máximo a ser almejado pela mulher no Brasil até, pelo menos, o início da década de 1960, pois, durante toda a década de 1950 -os chamados “Anos Dourados”-, o casamento e a maternidade eram vistos como as principais vocações da mulher, parte mesmo da “essência” feminina. Assim, não havia possibilidade de contestação, e as mulheres que não seguissem esse caminho estavam contrariando sua própria “natureza”. Embora a mulher de classe média tivesse mais acesso a uma maior escolaridade e até, em alguns casos, trabalhasse fora de casa, era comum que encerrassem suas carreiras ao casar ou, no máximo, com a chegada do primeiro filho, para se dedicar exclusivamente às atividades domésticas. Pois a instrução da mulher, nesse momento, também estava a serviço dos interesses de manutenção da família moderna, pois, nesse momento, também já se cobrava da mulher que fosse instruída, mas apenas para melhor educar os filhos e melhor acompanhar o marido em sua ascensão social, e não como modo de melhor prover a sua subsistência (Bassanezi, 2004).

As mulheres que permaneciam solteiras na sociedade patriarcal eram vistas como “mulheres desviantes” (Douphin,1992), e não casar era considerado um fracasso social (Bassanezi, 2004), pois as solteiras constituíam uma classe de pessoas que fugia ao padrão de comportamento estabelecido pela sociedade da época. Este padrão era bastante inflexível e normatizado e deveria ser seguido por todos, sob pena de exclusão social para quem não o cumprisse. Numa sociedade baseada em dualismos, como nos assinala Simone de Beauvoir (1988), só se abria para a mulher duas possibilidades: a

possibilidade de ser mulher casada e respeitada ou uma prostituta. Logo, permanecer solteira gerava muitas sanções e desconfortos, posto que esta condição não se situava nem num extremo nem, necessariamente, no outro.

CAPÍTULO 3

AS MUDANÇAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA EM RELAÇÃO A MULHERES E HOMENS

A partir da Segunda Guerra Mundial, a união de diversos fatores ajudou a colocar em questão essa divisão de trabalho segundo os atributos de gênero, amplamente difundida na sociedade Ocidental até então. No bojo dessas mudanças encontrava-se também a questão relativa ao modo como mulheres e homens se relacionavam na família e/ou fora dela.

Dentre esses fatores, podemos mencionar o crescimento da classe média urbana no Brasil, o acesso das mulheres a níveis cada vez mais elevados de educação – o que as podia levar a se equiparar aos homens em termos de qualificação profissional-, e os avanços tecnológicos, que facilitaram a vida da mulher na esfera privada, com a criação de eletrodomésticos que, de certa forma, aliviavam a jornada de trabalho no lar. Também a descoberta da pílula anticoncepcional permitiu à mulher um maior controle sobre o próprio corpo e sobre a reprodução, possibilitando, conseqüentemente, uma maior busca de prazer sexual e maior liberdade neste sentido.

Podemos mencionar, ainda, um enfraquecimento da influência do poder normativo que as religiões tinham até então na subjetividade e no comportamento, especialmente no caso das mulheres brasileiras, influência esta que, por conta dos movimentos de contracultura¹ das décadas de 1960 e 1970, foi amplamente questionada (Jablonski, 1991; Muraro, 1996; Oliveira, 2003; Vaitsman, 1994).

Mudanças nas leis brasileiras ocorridas nos anos de 1980, como a que levou as mulheres a conquistar a igualdade com os homens perante a lei, garantida pela constituição de 1988, (Pinto, 2002) e a que regulamentou o divórcio, contribuíram para liberar os cônjuges da idéia do casamento “até que

1- Movimentos que ocorreram na década de 1960, que reivindicaram mudanças nos padrões de comportamento vigentes nas sociedades ocidentais, bem como uma maior liberdade em todos os sentidos. Dentre eles, podemos destacar os movimentos Estudantis, Híppies e Feministas.

a morte os separe”. Podemos acrescentar aqui, ainda, que o próprio aumento da expectativa de vida ajudou a separar os casais. Até o século XIX a expectativa de vida era mais baixa, e, como se vivia menos, conseqüentemente se convivia menos com o cônjuge. Assim, tinha-se menos possibilidade de se questionar a vida conjugal e buscar maior satisfação em novas uniões. A “morte” separava os cônjuges mais cedo do que os separa hoje (Beck,1992; Jablonski,B. 1994).

Não podemos nos esquecer aqui das batalhas feministas que questionaram a divisão “natural” entre papéis públicos e privados, que atribuía papéis e posições fixos a homens e mulheres.

Foi a partir desses movimentos que se tornou cada vez mais explícito o desejo de que fosse, enfim, legitimada a cidadania feminina (Pinto,2002 ;Szapiro,2003). A seguir, será feito um breve resumo histórico das principais conquistas do movimento feminista.

3.1- Feminismo no Brasil:

O movimento feminista no Brasil teve início na década de 1920, e tem como primeira bandeira de luta a reivindicação do direito ao voto, tendo em vista que a constituição de 1891 vetava esse direito à mulher. O século XX se iniciou no Brasil com a aprovação do código civil, que continuava a legitimar a visão androcêntrica de mundo, no qual a mulher casada era totalmente submissa ao marido, e, dentre outras sanções, lhe era proibido o direito de ser titular de uma conta bancária ou ter um emprego sem a autorização do marido. Essas leis tinham por finalidade manter os princípios de funcionamento da sociedade patriarcal, como nos apontam Goldemberg & Toscano (1992), que transcrevem, em seu texto, parte de um discurso no congresso contra o voto feminino:

Estender o voto à mulher é uma idéia imoral e anárquica, porque no dia em que for convertido em lei, ficará decretada a dissolução da família brasileira.
(p.27).

Sempre que as mulheres tentavam inovar, sofriam uma reação forte por parte dos homens, pois estes temiam o fim da ordem à qual estavam acostumados. Assim, para eles, a mulher deveria continuar a ser exclusivamente “do Lar”. Porém, as reivindicações feministas surtiam algum efeito, ainda que retardado, e o direito das mulheres ao voto foi conquistado em 1932 e foi criada uma legislação de proteção ao trabalho feminino. (Goldenberg, & Toscano,1992).

É interessante notar que, até os anos 1960, as lutas feministas se restringiam à conquista de novos mercados de trabalho e de igualdade entre os sexos, sem entrar na discussão sobre a sexualidade feminina, até então tratada como tabu (Goldenberg, &Toscano,1992).

A partir do final dos anos de 1960, surge uma nova safra de publicações feministas no Brasil, que questionam o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade brasileira. Estes trabalhos, que começaram na academia, causaram tanta repercussão que começaram a surgir em revistas destinadas ao público feminino seções especiais para discutir de modo sério questões que atingiam as mulheres, entre elas seu direito à uma vida sexual satisfatória. Além disso, elas constituíam um espaço para o questionamento sobre o seu papel de ser única e exclusivamente donas-de-casa e mães. Tal fato ajudou as mulheres a adotar outra postura frente a si mesmas e, conseqüentemente, frente aos homens, à família e à sociedade (Goldenberg, &Toscano,1992).

O Feminismo no Brasil foi de extrema importância para a discussão sobre a divisão de trabalho entre os sexos, uma vez que colocou na ordem do dia a discussão sobre a separação entre os espaços público e privado. O movimento feminista, que começou com grupos reduzidos de mulheres, geralmente pertencentes à elite intelectual brasileira, acabou por penetrar nos mais diversos espaços, das universidades - com a criação de núcleos de estudos especializados em estudos da mulher -, até espaços sociais mais abrangentes, como igrejas, sindicatos e escolas. A partir do final da década de 1970 e o início da década seguinte se debateu muito nos meios de comunicação de massa,

principalmente na televisão, os direitos da mulher ser igual ao homem e, por essa razão, merecer os mesmos direitos. Uma ênfase no tocante à vida sexual passou também a ser debatida na televisão e em outros meios de comunicação.

A sociedade se articulou de tal modo em torno dos questionamentos femininos, que *slogans* como “*Meu corpo me pertence*” e “*Quem ama não mata*” foram divulgados amplamente nos meios de comunicação, e ajudaram a promover mudanças importantes, que questionaram os paradigmas que sustentavam no Brasil o poder masculino absoluto e a conseqüente submissão da mulher brasileira, como, entre outro, o machismo brasileiro, o patriarcado e o paternalismo, a dupla jornada de trabalho feminina, a desigualdade no mercado de trabalho e a violência contra a mulher, que chegava ao ponto absurdo de se aceitar o argumento de legítima defesa da honra para casos de maridos que matavam suas esposas por suspeitas de adultério (Goldenberg, & Toscano, 1992).

Tais discussões ajudaram a criar políticas públicas especiais para as mulheres, como as Delegacias de Assistência à Mulher (DEAMs) (Goldenberg, & Toscano, 1992), até o ponto de termos, hoje em dia, um ministério exclusivo para políticas públicas para as mulheres e o direito a condições de vida significativamente diferentes de nossas antepassadas.

3.2- As mudança nas leis:

As leis no Brasil foram, ao longo das lutas travadas nas últimas décadas do século XX, se modificando, a fim de acompanhar as mudanças ocorridas no modo de vida da sociedade e, em especial, foram, aos pouco ajudando a modificar a ordem até então em vigor, que primava pelo patriarcalismo, submissão feminina e primazia da família oficializada.

As novas leis findaram por acompanhar as mudanças nos modos de relacionamentos amorosos contemporâneos e a regulamentar arranjos, nem tão novos assim, mas só que agora davam alguma garantia material a quem participava de uma relação não oficial, como foi o caso da lei que resguardava alguns direitos a casais que vivem uniões estáveis. Essa lei é a de número 9.278, de 10 de maio de 1996, e afirma o seguinte em seu artigo primeiro:

Art. 1º É reconhecida como entidade familiar a convivência duradoura, pública e contínua, de um homem e uma mulher, estabelecida com objetivo de constituição de família.

Dessa maneira, ficou oficializada no Brasil a não necessidade de um casamento oficial para que se tenha direito aos bens adquiridos ao longo da união e, dentre outras coisas, os filhos nascidos de tais relações são considerados agora tão legítimos quanto aqueles nascidos dentro de um casamento oficial. Ou seja, com a o apoio legal, ocorrido na última década do século XX, caiu também no Brasil, ainda que em parte, a discriminação contra as relações conhecidas como concubinato. Estas relações discriminavam a mulher de forma atroz, posto que esta não atendia aos requisitos de mulher “honesta” como assinalamos anteriormente. Apenas mulheres casadas que não cometessem adultério, ou solteiras, desde que, fossem puras e castas, não estavam sujeitas à discriminação social.

A apresentação desta lei aqui, é muito interessante. Se analisarmos que, com uma lei que delega às relações estáveis direitos e deveres, as mulheres que possuem ou possuíram uma relação dessas, não têm a mesma representação social de uma mulher solteira, mas, antes, uma relação cada vez mais próxima do *status* de mulheres casadas, a ponto de não serem mais discriminadas socialmente, em especial, nas classes médias urbanas. A oficialização da relação passou a ser encarada, assim, muitas vezes, como uma mera formalidade burocrática.

Estes foram apenas alguns dos fatores que influenciaram as mudanças nas identidades e subjetividades, bem como no comportamento afetivo de homens e mulheres na contemporaneidade. Todos eles colaboraram para a constituição de uma das características mais marcantes do nosso tempo, a idéia de que as identidades são hoje múltiplas. Isto é, enquanto que na modernidade era traçado um papel mais ou menos fixo e determinado para cada sujeito, definido desde o nascimento, o que dava a falsa ilusão de uma identidade única e coesa, na contemporaneidade esses papéis se tornam fluidos, acabando por produzir um sujeito múltiplo, que não possui uma única identidade mas sim várias, algumas inclusive contraditórias (Hall, 1997).

3.3- Situação das mulheres na contemporaneidade:

Hoje as mulheres se identificam com papéis, tanto públicos quanto privados, lutam pela conquista de seu lugar no mercado de trabalho, pela igualdade de direitos com os homens em todas as esferas, reivindicando, na maior parte das vezes, uma divisão equitativa das tarefas domésticas e a mesma liberdade no plano da sexualidade. No mundo atual, as mulheres se sentem no direito de sentir satisfação sexual (Muraro, 1996), e o tabu da virgindade antes do casamento foi quebrado, como assinala Rago (2004). Podemos dizer, assim, que a mulher conquistou o “*direito à existência*”, pelo menos nas classes médias urbanas. Segundo Silva (1994), foi questionada também a teoria de que os homens obtinham mais sucesso na vida escolar do que as mulheres. Em seu estudo, a autora mostra que, ao contrário do que se dizia, as mulheres, de uma forma geral, obtêm melhores notas no colégio do que os homens.

Estas transformações levaram as mulheres de classe média urbana a procurar outros interesses e formas de realização, posto que o casamento e uma vida de dedicação exclusiva e sacrifícios aos

outros já não constituíam mais seu único objetivo de vida. O casamento passou a ser visto como apenas uma das possíveis faces de sua vida privada, ao contrário do que acontecia na modernidade (Beck,1992).

O casamento deixou, assim, de ser uma obrigação, para ser uma opção. Hoje em dia, casa-se quase que exclusivamente por motivos afetivos, pois, com o acesso da mulher de classe média ao mercado de trabalho, ela já não precisa do homem para garantir sua subsistência e lhe conferir uma identidade.

Com todas essas modificações na sociedade, o que caracteriza os relacionamentos atuais é a ausência de um padrão rígido que guie as condutas de homens e mulheres. Isto é, não há uma maneira específica de se relacionar dentro ou fora da família. Apesar do modelo de família moderna não ter desaparecido, e talvez nunca venha a desaparecer, ele agora é apenas uma das possibilidades e não a única forma de relacionamento. Tampouco podemos falar hoje em um padrão único de ser “homem” ou “mulher”. A individualidade marca de forma decisiva a subjetividade na sociedade contemporânea ocidental e, conseqüentemente, a maneira como homens e mulheres se relacionam entre si, acarretando, por um lado, ganhos no sentido de uma maior independência e, por outro, uma perda de referenciais (Beck,1992; Dufour, 2001;Vaitsman,1994).

Dessa forma, os relacionamentos sociais estão cada vez mais fluidos e os arranjos familiares estão cada vez mais flexíveis, plurais, anti-hierarquizados e instáveis. Ao mesmo tempo, vemos surgir a cada dia a busca por manuais que ensinem a conduta certa para se conquistar o parceiro ideal. Como podemos observar, a contemporaneidade traz em seu bojo, ao mesmo tempo, a liberdade e o medo pela perda de um padrão a ser seguido. Assim, ela é marcada por contradições, antagonismos e ambivalências (Vaitsman,1994; Beck,1992; Bauman,2003). Como bem aponta Giddens(1992), na modernidade, o amor e a sexualidade estavam ligados por meio do casamento. Atualmente, segundo o autor, estão ligados pelo que ele chama de “relacionamento puro”, que consiste em manter um

relacionamento apenas enquanto este permanecer satisfatório para ambas as partes, de forma que a finalidade do relacionamento é o próprio relacionamento.

3.4- A mulher que permanece solteira na classe média contemporânea.

Nesse contexto, parece surgir como opção a possibilidade da mulher de classe média permanecer solteira. Hoje a mulher tem acesso a uma educação igual à do homem, a bons empregos e não se sente desconfortável em exercer uma profissão, mas, ao contrário, investe cada vez mais em uma carreira profissional. Assim, o casamento não se configura para ela como a única possibilidade de ser feliz e de se sustentar financeiramente. Além disso, a mulher solteira tem a possibilidade de manter uma vida afetivo-sexual ativa, saudável, sem sofrer as punições e a segregação de outrora.

Podemos observar que, com a revolução industrial, criou-se uma sociedade que estimulava o casamento e o confinamento da mulher em casa. Nas últimas décadas, contudo, o mercado de trabalho se apropriou do discurso feminista de que a mulher precisa ser independente financeiramente, utilizando cada vez mais a mão-de-obra feminina, o que ajudou na construção de uma outra imagem de mulher de classe média, a que trabalha fora de casa (Beck,1992).

Além disso, autores como Beck (1992), apontam que, se na sociedade moderna o ideal era que todos os indivíduos se casassem, na contemporaneidade não é exagero dizer que a pessoa ideal para o mercado de trabalho é, ao contrário, a pessoa solteira. Isto se dá porque os solteiros possuem maior disponibilidade para dedicar mais horas ao trabalho e, dessa maneira, ganham, muitas vezes, mais garantias para se manter no mercado e crescer profissionalmente. Mulheres e homens solteiros e sem filhos não precisam se ausentar tanto do emprego quanto os que possuem essas responsabilidades, o que é considerado uma característica desejável por parte dos empregadores e, por isso eles são, muitas vezes, premiados.

Já encontramos na sociedade de consumo atual, uma atenção toda especial voltada para pessoas solteiras, com o surgimento de produtos em quantidades reduzidas e imóveis cada vez menores. Podemos dizer até que há hoje muito glamour em ser solteiro. A partir das últimas décadas, começamos a encontrar seriados de televisão e anúncios comerciais que destacam algumas vantagens da mulher permanecer solteira, como o fato de que ela pode ter uma independência financeira, trocar de parceiro sem dever satisfação a ninguém, dar maior atenção ao corpo e à beleza sem ter que cair na rotina estafante dos cuidados de um marido, dos filhos e da casa, entre outras. Deixou-se, assim, de investir tanto quanto antes na imagem de que a mulher só se sente completa e realizada na dedicação integral aos cuidados da casa e dos filhos (Ehrenreich, 2003).

Não podemos esquecer, contudo, que uma das características marcantes da contemporaneidade é a contradição, a ambivalência decorrente da co-ocorrência de diversos discursos, algumas vezes contraditórios, na sociedade. Deste modo, apesar de estarmos presenciando uma mudança em relação ao tratamento dado às mulheres que permanecem solteiras no Brasil, ainda encontramos em nossa sociedade a presença de discursos que reforçam a permanência de características modernas, reafirmando que só há realização possível para a mulher se ela se casar e tiver filhos. Cobra-se, então, muitas vezes, que ela seja uma super-mulher, que cumpra exemplarmente os papéis de profissional, mãe, dona-de-casa, amante e companheira de seu marido (Rocha-Coutinho, 1998b). Também ainda é muito comum que se atribua o mau-humor da mulher solteira a seu estado civil, com comentários bastante pejorativos (Leitão, 1981). Além disso, não podemos afirmar que as segregações no mercado de trabalho tenham sido totalmente erradicadas, posto que ao mesmo tempo que se cobra que a mulher seja casada, se ela for casada e com filhos, será mais difícil que seja empregada.

Em um estudo muito interessante, Biasoli-Alves (2000) aponta que as mulheres que estão hoje entre 40 e 50 anos de idade ainda foram criadas em um tempo em que as avós, tias, mães e filhas construía o cotidiano no mesmo espaço, e esse espaço era o espaço privilegiado em que foram se

dando as mudanças que hoje podemos verificar na forma de agir e de pensar femininas, a partir de críticas abertas ou veladas provenientes de membros das diferentes gerações que nele conviviam.

As gerações mais novas, segundo esta autora, questionavam o excesso de rigidez, entre outras coisas. Mas, de forma alguma, conseguiram se livrar totalmente dos valores adotados pelas gerações anteriores, posto que essas modificações não têm ainda nem cinquenta anos. Segundo a autora, os seres humanos, enquanto uma espécie gregária, nascem prontos para a socialização; logo, a identidade começa a ser constituída a partir do nosso nascimento, e é através do olhar do outro que vamos estabelecer o que é certo ou errado, bom ou mau. Dessa forma, uma vez estando inseridos no caldo da cultura, convivemos com as mais diferentes gerações. Para que não tivéssemos valores discordantes em nossa subjetividade, seria necessário, entre outras coisas, sermos afastados do convívio com as gerações que nos precedem. Portanto, os nossos valores serão sempre um conjunto de continuidades de valores do passado e rupturas importantes que marcam um novo modo de estar no mundo.

O que podemos observar, assim, é que o cenário atual de mudanças sociais trouxe em seu rastro transformações significativas nos modos de homens e mulheres se relacionarem, abrindo a possibilidade das mulheres escolherem se desejam se casar, se desejam entrar em qualquer outro arranjo familiar que queiram adotar se gostariam de permanecer solteiras, se desejam ter ou não filhos, sem que sejam excluídas socialmente de maneira tão atroz como acontecia na modernidade. Isto porque, como já apontamos antes, o que define o nosso momento histórico é a ausência e/ou a multiplicidade de modelos a serem seguidos nos diversos aspectos da vida das pessoas. Ou seja, variadas opções de estilos de vida estão ao alcance dos indivíduos na atualidade (Bauman, 1998a, 1998b, 2003).

É inegável, portanto, que a situação da mulher que permanece solteira na classe média brasileira é hoje uma situação muito mais confortável do que na primeira metade do século XX. Não casar

constitui agora, para a mulher, uma possibilidade, uma opção de vida. Uma série de dados estatísticos nos permitem “esboçar” um perfil de quem é a mulher solteira hoje dentre estas estão também as descasadas. Das mulheres do Rio de Janeiro, 20,4% são responsáveis por domicílios unipessoais, sendo que 30% das mulheres responsáveis por esses domicílios têm entre 30 e 50 anos de idade, e aproximadamente 50% destes domicílios são constituídos por mulheres com mais de 60 anos, segundo o IBGE. Este último caso é explicado pelo fato da expectativa de vida do homem ser inferior à da mulher.

Estudo realizado pela fundação Getúlio Vargas (2005) apontou para o fato de que as mulheres solteiras possuem renda 62% maior do que a de mulheres casadas, 39% delas vivem nos grandes centros urbanos e 48,54% possuem mais de 12 anos de escolaridade. Neste estudo, o Rio de Janeiro aparece em segundo lugar no ranking das capitais do país com maior número de mulheres solteiras (43%) , atrás somente do Distrito Federal.

O que podemos deduzir dos dados estatísticos disponíveis é que é cada vez maior e mais visível o número de mulheres solteiras na classe média dos grandes centros urbanos, independentemente do motivo pelo qual elas permanecem solteiras, seja ele decorrente do fato de haver um maior número de mulheres do que de homens, porque desejam gozar de uma maior liberdade sexual no tocante à variedade de parceiros, porque elas estão à espera do “homem certo”, ou simplesmente porque optaram por permanecer solteiras. Há, assim, uma parcela de mulheres solteiras cada vez mais ativas, independentes, donas de sua sexualidade e que são cada vez mais aceitas pela sociedade, ainda que continuem, em parte, ao nosso ver, a ser vítimas de um discurso social preconceituoso.

Temos consciência de que somos indivíduos dotados de vontade própria e que estamos escolhendo a todo momento que caminho seguir dentre as mais diferentes opções que se abrem à nossa frente. Porém, como assinalado acima, convivemos com diferentes valores, passados por

diferentes gerações. Logo, não é de se admirar que quando uma mulher chega a uma determinada idade sem se casar se questione quanto à importância que deve ser dada a um relacionamento amoroso, à possibilidade de ter ou não filhos, em oposição a toda a liberdade que se pode ter se permanecer solteira, à possibilidade de se realizar de diversas outras maneiras que não aquelas super valorizadas pelas gerações anteriores.

É neste contexto que surge a justificativa para este trabalho. Muitos são os discursos correntes na sociedade sobre a mulher que permanece solteira, mas muitas são também as perguntas que surgem sobre elas: Qual é a opinião delas próprias sobre seu estado civil? Como elas vêem e que valor atribuem a questões como família, filhos, casamento, educação, mercado de trabalho, independência, sexualidade?

O presente estudo visa oferecer respostas para algumas destas questões, entre outras, ajudando-nos a entender melhor a subjetividade da mulher que permanece solteira nos dias de hoje, ainda pouquíssimo estudada.

CAPÍTULO 4 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa e, para a obtenção dos dados, fizemos uso de entrevistas semi-estruturadas, que foram gravadas e transcritas na íntegra. Os resultantes da transcrição das entrevistas foram, então, submetidas a uma análise de discurso, segundo categorias por nós estabelecidas a partir, em grande parte, da fala das entrevistadas (Rocha-Coutinho, 1998 a).

Estamos fazendo uso de uma análise de discurso por que acreditamos que este é, como assinala Fairclough (2001), um lugar privilegiado de manifestação da ideologia de uma determinada sociedade na subjetividade de seus membros. Como afirma este autor, o que é falado por determinada pessoa é permeado pelos enunciados de outras pessoas, por enunciados que trazem entranhados em si paradigmas sociais já cristalizados naquela sociedade. Assim, o sujeito acaba se apropriando de tais enunciados sem se dar conta de que eles não eram inicialmente seus (Fairclough, 2001).

O discurso é, assim, um instrumento ideológico, e nele são constituídas, modificadas e transformadas as identidades. Logo, as identidades femininas, como todas as outras identidades em uma sociedade, antes de serem “naturais” e inteiramente individuais, são constituídas discursivamente, de acordo com o momento histórico-social no qual as pessoas, inclusive mulheres, estão enunciando tais discursos. É através da linguagem que a cultura vai formar as identidades e subjetividades de mulheres e homens em um determinado espaço histórico e social (Rocha-Coutinho, 1994, 1998 a).

As entrevistas foram estruturadas a partir de um roteiro (Anexo I) que cobriu diversas questões de interesse para nosso estudo, como a visão e a importância atribuída ao trabalho, à família, à sexualidade, aos relacionamentos amorosos, à maternidade, à liberdade individual, entre outras. O roteiro das entrevistas encontra-se em anexo.

Foram as seguintes as categorias de análise por nós estabelecidas: Maternidade, Família e trabalho; Relacionamentos afetivos; Vantagens e desvantagens de ser solteira.

4.1- Grupo estudado:

O grupo estudado foi composto por cinco mulheres de classe média, heterossexuais, moradoras da zona sul da cidade do Rio de Janeiro e com mais de 40 anos de idade. Todas tinham nível superior completo, eram economicamente ativas e nunca foram casadas ou tiveram uma relação estável, de coabitação com um companheiro, que visasse a formação de um núcleo familiar, por um período superior a dois anos. Elas também não tinham filhos.

Segue-se uma breve caracterização das entrevistadas. A fim de se manter o sigilo dessas mulheres, seus nomes foram trocados.

Elisa:

Elisa é advogada, 40 anos, trabalha em uma empresa multinacional. Mora no bairro de Copacabana. É a filha mais velha de uma família de três irmãos, mora sozinha mas perto da mãe, para que lhe possa prestar auxílio quando necessário. No momento está namorando.

Marta:

Marta é administradora de empresas, 46 anos, mas a profissão que exerce é a de Instrumentadora Cirúrgica em uma clínica particular. Moradora do bairro de Botafogo, Marta é a filha mais velha de uma família de quatro irmãos, mora com a mãe e, no momento, não está namorando.

Glória:

Glória é advogada, 40 anos, trabalha em seu próprio escritório, e é moradora do bairro de Botafogo. Filha única de pais já falecidos, Glória mora sozinha e, no momento, está namorando.

Clara:

Clara é arquiteta, 42 anos, trabalha como *free lancer*, mora no bairro de Copacabana, e é a terceira filha de uma família de quatro irmãos. Clara mora com os pais e a irmã mais velha, e, no momento não está namorando.

Sílvia:

Sílvia é Assistente Social aposentada e atualmente trabalha como terapeuta de Florais. Tem 51 anos, é moradora do bairro do Flamengo, é filha única e mora sozinha. Sílvia não tem um relacionamento amoroso fixo atualmente.

4.2- Análise dos dados

1- Maternidade, família e trabalho.

Nesta categoria serão analisadas as visões de nossas entrevistadas e a importância por elas atribuídas à maternidade, à família, de modo geral, e do trabalho.

a- Maternidade

Com relação à Maternidade, as cinco participantes da pesquisa relataram que pensam ou que já pensaram em algum momento de suas vidas na idéia de serem mães, como podemos observar nas falas abaixo:

Eu acho uma coisa maravilhosa! Eu tenho mais vontade de ter filho, do quê de. .. casar (Elisa).

eu acho que quando a mulher passa dos 35...já começa a dar uma certa vontade...de ter filhos (Glória).

Você me arrasou nessa, hein? (risos) Olha, eu tenho, quer dizer, tive né?! Que... agora...na minha idade não tem nem...não é que não tenha como, ter, tem...mãsss . . . eu teria vontade sim . . . mas eu acho que maternidade, nossa senhora, eu ia ser muito babaca, eu já pinto e bordo com as crianças, imagina se fosse só o meu? Ele ia ser...um...nerd né, tapado...quadrado... ao invés de redondo ser quadrado, ou ele ia ser muito doido...mas eu dou importância sim (Marta).

Ó, hoje eu tava vindo pra cá, vinha uma nenemzinha tão bonitinha, sabe, que eu até pensei, nesses últimos dias assim, nesses últimos tempos, eu até pensei nessa questão que pô, eu acho que eu não vou ser mãe, porquê eu tenho 42 anos, eu num sei se...se bem que a medicina, tem gente aí tendo filho com 48, eu sei que eu não sei, mas eu acho assim...é...eu acho muito bacana criança, eu sempre gostei, sempre brinquei . . . e eu acho que é bacana né...eu vejo assim...é...ver, né...você criar uma pessoa...a nenemzinha tão bonitinha, lá no metrô sabe?, se eu tivesse um filho, eu acho que eu ia curtir ter um filho (Clara).

As entrevistadas Sílvia e Clara relataram que ter filhos ou não sempre foi um motivo de dúvida para elas, e que nunca viram na maternidade um objetivo de vida e o fato de não terem sido mães não representou para elas um motivo de infelicidade:

eu...nunca foi uma coisa que eu buscasse como um objetivo na vida, nunca...sempre tive dúvida quanto a isso...será que eu quero, será que eu não quero...ah, tem o lado legal...mas tem o lado também horrível...fiquei nessa dúvida muito tempo, e não corri atrás...de exercitar essa coisa da maternidade (Sílvia).

agora eu não me sinto triste por não ter tido um filho...porque assim, é exatamente isso, a minha vida, eu acho que ela sempre foi tão minha, num certo sentido das escolhas, assim, que eu quero isso, e não quero aquilo...que muitas coisas que eu fiz...ia ser muito bacana hoje ter um filho aqui de 16 anos, 17 anos, sabe? ... se eu tivesse um filho de 16,17,18 anos hoje, acho que...eu teria deixado de fazer tantas coisas que eu fiz e que eu gostei...que eu não sei se eu teria sido uma mãe legal, assim, sabe? Eu acho que todos esses sonhos que você tem de juventude de sair, e vai, pode parecer uma besteira...vai no carnaval...vai pra viajar...vai pra num sei onde... vamo com a galera, vamo chegar de noite...com filho eu jamais teria feito...vivido as coisas que eu vivi, então eu não sei...ia ser bacana ter um filho chegando aqui 16, 17 anos, um filho pronto, que veio, mas abrir mão de tudo...foi uma coisa que eu não tive coragem...sabe...então...não sei (Clara).

Três das entrevistadas se mostraram muito dispostas atualmente a terem filhos e, dentre elas, uma se mostrou inclinada a optar por adotar uma criança se não puder ter filhos naturalmente:

Tanto que agora, que eu voltei a me interessar por uma mesma pessoa, que não que tenha sido namorado...mas que já foi paquera da época da faculdade...eu já pensei nisso, só que ele pode ter filho em qualquer época da vida dele...e eu não...então já me questionei se ia ser bom mesmo a gente ficar junto, porque ele tem vontade de ter filho, mas eu já não posso mais (Marta).

Pois é...eu também tô mudando muuuuito...com essa...não, não é agora com essa nova relação...mas há algum tempo, eu tenho pensado na possibilidade...de ter um filho...eu acho que quando a mulher passa dos 35...já começa a dar uma certa vontade...de ter filhos (Glória).

sou apaixonada por criança e se eu não tiver, porque eu já tenho quarenta anos né... se por acaso realmente eu não tiver filhos...é eu quero adotar, eu quero adotar uma criança, tá...isso eu tenho muita vontade...tá, eu acho que faz parte da vida (Elisa).

Com relação à adoção de crianças, Marta relatou que está se relacionando com um rapaz que pensa em ter filhos, mas, diante de sua idade e de achar que não pode mais ser mãe, ela se preocupa, pois pensa que um homem que pode ter filhos naturais não estaria muito disposta a adotar:

eu já pensei nisso, só que ele pode ter filho em qualquer época da vida dele...e eu não...então já me questionei se ia ser bom mesmo a gente ficar junto, porque ele tem vontade de ter filho, mas eu já não posso mais...eu acho que a gente tem...até...tem que ter responsabilidade até nisso...né...porque adoção é uma coisa que nem todo mundo tá preparado(silêncio)...principalmente se você pode...né. (Marta).

Clara relatou não estar disposta a ter um filho, mas se algum dia ela decidir ser mãe, será algo planejado:

Se a minha vida permitir...que eu tenha um filho ainda...mas aí vai ter que ser um momento de ter um filho de fato, ter um filho assim...meio na roubada...isso aí (Clara).

Quatro entrevistadas pensam nos filhos como uma continuação de suas existências e como pessoas que possivelmente podem vir a cuidar delas em uma idade mais avançada, assim como elas o fazem com os seus pais, e, ainda, como uma companhia para elas:

então eu acho muito legal...é...a ... você ter um filho e poder passar pra ele, as experiências que você teve, que você né? Eu acho que isso é uma renovação de vida, num certo sentido, porque chega uma hora que a vida fica meio repetitiva, assim...num ciclo eu acho: você vai, trabalha, volta, ou então você tem que ter uma condição de grana muito bacana que você possa, viajar todo dia, e sempre fazer uma coisa...então...eu acho que é...deve ser uma coisa muito legal você ter um filho (Clara).

eu sinto falta de ter filho, hoje em dia. Porque minha mãe vai morrer...provavelmente antes de mim...provavelmente...meus irmãos são casados...e aí? (silêncio) (Marta).

a sua vida não vai parar ali né...depois que você falecer a coisa não vai acabar ali, você vai ter uma continuidade, se você tiver filhos principalmente, né...você vai ter teus descendentes né...eu penso muito...eu...eu penso muito nisso você tem filhos pra olharem por você, como

eu olho pela minha mãe, né, imagina se ela fosse sozinha, né ela tem os três filhos lá que, né, e leva pro médico, se precisar do hospital, leva pro hospital, né (Elisa).

Ter filhos...de dar uma continuidade né...eu acho que é esse sentimento materno...a gente acaba não fugindo (Glória).

Sílvia se mostrou completamente contrária à idéia de ter filhos como uma forma de dar continuidade a sua vida, como podemos notar em sua fala a seguir:

Ter filho, muitas vezes é isso também, a pessoa às vezes descarrega tanta neura dela, né...assim, achando que...ah, tudo o que eu não fui meu filho vai ser, aí...coitada da criança já vem com uma carga...um peso assim sabe...e...e...assim, tentando fugir da...da...da efemeridade assim da vida né...é...a vou perpetuar...como vou morrer e não deixar uma continuidade!? Que continuidade, sabe? A natureza tá aí, tudo morre e se reconstrói...porque eu tenho que deixar um filho, pra alguém lembrar um dia que eu fui eu? Sabe? (Sílvia).

Elisa e Glória, manifestaram um desejo maior de ter filhos do que de se casar, sendo que, para Glória, não é necessário casar ou estar vivo um relacionamento estável para ser mãe:

Eu acho uma coisa maravilhosa! Eu tenho mais vontade de ter filho do que de casar (risos), sou apaixonada por criança (Elisa).

por mais que a gente durante um tempo diga: “Não, imagina...vai atrapalhar a minha vida...como é que eu vou me virar, e aí você percebe que dá pra se virar sim...agora eu nunca pensei...eu nunca na verdade atrelei...a minha vontade de ter filho...com a necessidade de estar...casada...ou de estar numa relação...isso eu nunca vinculei (Glória).

Já para Marta e Clara parece ser muito importante, que para que fossem mães, que seus filhos tivessem a oportunidade de também ter contato com os pais:

que eu acredito assim, mesmo que o ...é... o pai não esteja com a criança, a criança tem a necessidade de saber que existe um pai...criança precisa de pai, precisa de figura masculina....num é só a mãe (Marta).

Eu achava que filho tinha que ter pai e tinha que ter mãe, mas não sei se um dia, eu vou chegar e te falar que eu quero ter um filho de qualquer jeito! (Clara).

O fato do pai de um filho que Marta esperava não querer assumir sua gravidez foi o motivo pelo qual ela decidiu fazer uma aborto quando engravidou uma vez:

eu já engravidei uma vez, e é uma coisa que (pausa)...ninguém sabe (risos), quer dizer sabe... a minha irmã uma irmã minha sabe e uma amiga minha...foi uma coisa legal, foi uma coisa assim que me deixou....radiante... mãs...tem momento que a gente precisa ser mais racional, do quê emocional.... que eu acredito assim, mesmo que oé.... o pai não esteja com a criança, a criança tem a necessidade de saber que existe um pai (Marta).

Ao contrário do que fez Marta, Sílvia engravidou duas vezes. Da primeira vez, ela perdeu o bebê logo no primeiro mês, em decorrência de causas naturais. Da segunda vez que engravidou, mesmo diante da postura de seu namorado que era completamente contrário à paternidade, Sílvia estava disposta a levar adiante sua gravidez, ainda que não planejada, até o fim, mas perdeu também o bebê dessa vez, fato que a deixou muito triste:

eu engravidei duas vezes, sem buscar né? Ocasionalmente...e aí né...na primeira vez eu abortei logo no primeiro mês, num deu nem tempo de entender e na segunda vez eu fiquei grávida três meses..aí...eu senti, assim... o que ia ser, como é que ia ser...eu já tava...no início eu me apavorei profundamente, até porque...a pessoa que seria o pai, tem claro na cabeça que não queria ser pai, acidentalmente, a gente se relacionava já a um tempo, foi uma coisa acidental mesmo...num sei nem como...que eu tomava pílula e tudo, aconteceu...e aí, eu continuei com meu conflito...mas resolvi ter, pegou, dancei, vou olhar o lado bom disso...e aí fiquei os três meses, enjoada, vomitando, passando mal, horrores assim... quando foi entrando no quarto mês, eu abortei...espontaneamente...aí...acabou...essa foi a minha experiência de ser mãe (risos) eu fui mãe três meses...foi muito legal como me transformou assim...eu tinha umas coisas...assim de emoção, achava uma coisa...tinha momentos comigo mesma, assim...que eu achava lindo aquilo...e ao mesmo tempo muito estranho...aquela coisa crescendo...a minha barriga aumentando... o corpo todo mudando...tinha uma coisa assim, mas...num tinha um...eu quero ter de qualquer jeito...sabe...tanto que quando eu comecei a ter ameaças de aborto...é...tinha que ficar deitada de perna pra cima o dia inteiro, eu num fiz isso, sabe...eu num...sabe...eu num vou...se tiver que ficar vai ficar, do jeito que eu sou...manerei m pouco...num pegava peso e tal...mas num deixei de sair, num deixei de trabalhar, num deixei de fazer as minhas coisas, e aí eu disse, pô se for pra eu ter que abrir mão de tanta coisa, assim pra...uma possibilidade...de repente eu nem vou ficar legal...nessa história e num vai ser bom nem pra criança assim, né...aí fiquei, fazendo suavemente as coisas...mas num deixando de fazer, e minha médica, também pensava a mesma coisa, ela falou “ ó...isso é uma seleção natural que acontece sabe...tem mulheres que tão aí na rua...num comem, não dormem e...embarriga e vai até os nove meses...se você tem...se cuida, tem

a alimentação legal...num sei quê...num tá segurando, num é prá gente ficar forçando muito também...se tiver que rolar...rola uma outra gravidez...e tal”...ela tinha essa postura e eu também...e aí eu abortei. Foi horrível a experiência de abortar, horrível, horrível...uma coisa assim, que eu não esqueço...a dor...aquela coisa de ser arrancado, sabe...de uma dor horrorosa...eu quase morri de tanto...desmaiei de tanta dor e sangrando, sangrando...e quando saiu...foi uma...parecia que tinha arrancado uma árvore de dentro de mim assim...eu fiquei num vazio....mas eu chorei...fiquei muito, muito, muito triste assim...foi muito ruim a experiência...mas ruim no sentido...tudo a gente aprende, né...ruim assim...porque eu não fiquei bem...fiquei bem mal, mas que também me fortaleceu...e me trouxe coisas também positivas, né (Sílvia).

Marta afirmou, em um primeiro momento da entrevista, que não sentia falta de ter filhos, mas, ao longo da entrevista, falou exatamente o contrário:

Olha... eu acho assim... quando eu era mais jovem... eu nunca quis casar...ter filho... nós não nascemos pra viver sozinhos, apesar de que a mulher, ela já naturalmente... ela vive bem sozinha... mesmo que não tenha filho . . . eu sinto falta de ter filho, hoje em dia (Marta).

O que podemos concluir das falas das participantes sobre a maternidade é que, apesar de todas já terem pensado, em algum momento da vida, em serem mães, já que a maioria gosta de criança, não o fizeram por vários e diferentes motivos: não ter tido um parceiro que estivesse disposto a assumir a paternidade de seus filhos, por ter adiado a maternidade em virtude da realização pessoal em outras áreas - como a profissional, familiar- para não perder maior liberdade conferida à sua condição de solteira e sem filhos, pela impossibilidade orgânica de levar uma gravidez adiante.

É possível verificar no discurso da maioria das entrevistadas que elas pensam em filhos como uma continuação de suas próprias existências, como uma forma de transcender a própria morte. Também pensam em filhos como tendo uma função utilitária, a de serem cuidadores e companhia delas na velhice, e se questionam a respeito de quem, na falta dos filhos, fará esse papel.

b-Família:

Com relação à família, quatro das cinco entrevistadas revelaram que um dos motivos que colaborou para que elas permanecessem solteiras – tendo em vista que essa é uma das áreas que mais

priorizam em suas vidas - foi a dedicação e o cuidado que sempre devotaram a suas famílias, em especial a seus pais, além , é claro, da dedicação ao trabalho, como se pode observar nas falas abaixo Clara e Marta, inclusive, até hoje moram com os pais e a mãe, respectivamente, e se percebem como essenciais para a manutenção do bem-estar dos mesmos :

eu sempre me dediquei só ao meu trabalho e à família e permaneci assim, né . . . eu coloquei em primeiro lugar o trabalho, realmente, o trabalho e minha família, né , e esqueci um pouquinho desse lado aí, esse lado afetivo, né (Elisa).

eu não tinha pensado até então...primeiro porque eu morava com o meu pai...então era muito cômodo, né...eu tá dividindo com uma pessoa...pai, é o homem dos sonhos, né (risos). Ainda mais meu pai...era uma gracinha...assim...super independente, sabe...cozinhava...passava...lavava...não que...isso pesa também né? Então, a gente dividia, muito bem as tarefas de casa...e era muito cômodo pra mim também morar com o meu pai...namorava e cueca em casa era só do meu pai (risos) (Glória).

embora eu tenha muitos compromentimentos com a minha família, em relação a pai e mãe porque eles já são mais velhos...e assim...é... bem mais velhos... e a minha mãe tem Alzheimer...então fica tudo... hoje em dia dentro da minha casa, eu sou uma pessoa muito importante, no sentido de junto do meu pai, tentar resolver questões que aparecem de grana... de num sei o quê...agora, embora eu teja ficando meio cansada disso, porque... essa coisa . . . hoje eu tenho vontade sim...de ter um canto perto pra dar suporte pra eles, mas de ter um lugarzinho que seja meu...porque tem um cachorro que eu não gosto...porque o tempo inteiro eu eu tô lá dentro...eu não consigo...tem sempre uma solicitação...entendeu...tem sempre ah... “tem que fazer isso, tem que fazer aquilo, tem que num sei que lá...” Então...mas o relacionamento pessoal...é...tranqüila, sabe...assim...eles não me encham o saco, ninguém briga...nem coisa nenhuma...é se tem um descontentamento, é por uma circunstância...que de fato ela é meio triste, que é o envelhecimento...assim, você viver com isso, é uma coisa muito triste, porque aquelas pessoas que foram a vida inteira, aquelas rochas assim, aquele porto seguro, de repente elas ficam frágeis demais, e você é quem passa a ser o porto seguro delas, entendeu? Agora...em termos de relação, que...a ...em ser, o que me entristece é ver uma coisa muito mais apática hoje dentro da minha casa, e uma casa que era tão cheia de vida, hoje ela é mais estagnada. Mas...assim...é isso...e até essa coisa...voltando aí pro tema da pesquisa, eu acho que eu sou muito mais cobrada, por morar com os meus pai, do que por não ter, é...cobrada eu digo, em função de amigos...deles não...sabe? Do quê, ah, casou ou não casou, isso aí nem, passa na cabeça...agora...eu morar ainda lá, isso as pessoas...e isso eu acho que até as vezes, impede que um relacionamento ande...pra frente...eu acho isso também...que assim, que a pessoa chega e de cara ela te rotula como você, sendo uma pessoa que ainda mora com os pais, entendeu? Então...hoje em dia eu sinto falta de ter um canto meu (Clara).

Meu compromisso até hoje é com o meu trabalho é com a minha família . . . Porque se eu sair durante a semana e chegar de madrugada é um escândalo, que eu sou irresponsável que eu vou ter cirurgia no dia seguinte, que eu vou ter consultório, que eu vou chegar atrasada na natação, né... então eu acho que eu nem me prendo muito aos relacionamentos devido à

ela...porque eu vou ficar preocupada se ela passou mal, porque ela tá sozinha, é de viajar muito tempo, porque vai ter que ter um esquema: ou ela vai pra casa dos meus irmãos ou ela vai lá pra casa, apesar que ela gosta de ficar sozinha,...por exemplo eu nunca dormi fora, eu não durmo, eu posso ir pro motel, mas eu volto pra minha casa, eu não durmo, o meu olho não fecha, porque eu vou tá sempre preocupada se a mamãe tá bem, o que é a maior babaquice né? Porque se tiver que acontecer vai acontecer comigo ou sem eu estar lá, né? Mas...como eu sou a única solteira alguém tinha que morar com a mãe, não é? Então sou eu! (Marta).

Elisa relatou que, apesar de morar sozinha, está constantemente prestando assistência à mãe, e revelou que na única vez que teve vontade de casar, o fato disso implicar em se distanciar da mãe, fez com que ela optasse por não se casar:

todo mundo muito agarrado também com ela, né. Acho que isso contribuiu muito para eu não ter casado que até hoje eu vivo ali...pelo menos três vezes por semana eu vou na casa da minha mãe, atenção total, ligo três vezes ou quatro vezes por dia, né, é uma pessoa que tem problema de saúde então eu tô sempre preocupada com ela, né . . . ele não queria largar o estado dele, o emprego, a família e eu também não, até porque a minha mãe é uma pessoa que tem problema de saúde e eu não podia ficar longe, tinha que dar assistência e tal...desisti, mas já cheguei a pensar naquela época . . . você tem uma liberdade muito grande...é até pra você poder dar uma atenção pra tua família, é o que acontece comigo, né (Elisa).

Sílvia relatou que após, ter saído de casa para morar sozinha, seu relacionamento com os pais melhorou muito:

arranjei um lugarzinho, bonitinho, num lugar que eu gostava, aluguei...fui...aí meus pais no começo, custaram a entender um pouco porque, eu sou filha única, né...a casa...tinha tudo na casa...meu cantinho, meu quartinho...aí...mas porque vai sair...mas aí acabaram me ajudando...me ajudaram a arrumar a casa, me deram presente, um sei o quê...e ficaram, assim...meu relacionamento com eles melhorou trezentos por cento, a gente ficou muito mais amigo do que era...porque saiu daquele nhe-nhe-nhe do dia-a-dia, né da rotina e eu construí a minha vida, minha rotina, minha forma de lidar com o meu mundo né...doméstico...e foi muito bom (Sílvia).

Glória morou com o pai até a morte dele e desde essa época vive sozinha:

eu comecei a morar sozinha aos 36 anos... eu morei a minha vida inteira com o meu pai...né e aí com o falecimento do meu pai, alguns anos atrás...que eu comecei a morar sozinha...inicialmente em imaginei assim...que fosse ser um problema na minha vida... e hoje em dia o problema seria morar com outra pessoa...criei um espaço assim né...uma coisa mais...individualista e tal...num sei (Glória).

Outro fator importante acerca da família, mencionado por quatro entrevistadas foi que vinham de famílias que transmitiram a elas paradigmas tradicionais acerca do casamento e da constituição de uma família, como podemos observar abaixo:

eu tive uma criação pra casar mesmo, é até engraçado isso é, minha mãe sempre criou os filhos para casarem né... sou eu, uma irmã e um irmão, minha irmã é casada, meu irmão é solteiro como eu, solteirão e... mas chegou a um certo ponto, principalmente quando eu fui transferida de estado né, pra eu morar em outro estado, como eu já morei né...é...minha mãe teve que relaxar um pouco nisso né... e...assim... confiou um pouco mais em mim, e eu tive que ter, né os anos vão passando, eu tenho quarenta anos, eu acho que tem que ter uma liberdade maior né. O normal é esse...é isso, então é isso, mas é engraçado eu tive uma criação pra casar mesmo, né tanto que a minha irmã, a minha irmã namorou quatorze anos...com o marido dela...e...antes dele só teve um namorado, também durante muito tempo, né, e agora tá casada, tem a filha dela e tal, mas todo mundo muito agarrado também com ela, né (Elisa).

eu nunca casei, não porque o casamento do meu pai e da minha mãe tenha sido ruim, muito pelo contrário...eles se separaram porque ele morreu repentinamente com 47 anos, né então...separaram-se, tanto que ela não casou ela não quis namorar e até hoje é assim. Foi até a morte nos separe... tanto que antes de morrer ele disse assim pra ela, que ela fala isso pra gente até hoje: “Me dá a sua mão, porque quando eu seguro a sua mão eu me sinto mais seguro”. Ele se sentindo mal, sem saber o quê que era, então eu acho assim, todos nós, nós quatro, tivemos exemplo em casa, por exemplo, minha mãe e meu pai nunca brigaram na nossa frente...brigavam assim: por causa de filho... assuntos deles, eram tratados entre eles, a gente nunca tomou conhecimento...nunca...nunca vi meu pai gritando com a minha mãe...nem minha mãe com meu pai...dando ataque de ciúme, nada disso...então nós quatro, temos todo...a gente tem tudo pra acreditar num casamento bom... né, porque o casamento deles foi legal...se eles saíssem, os quatro sempre iam em tudo com eles, tudo o que você possa imaginar...menos já burro velho né? Eu já tinha 19 quando ele morreu... tudo eram os quatro... então assim eu não tenho nada contra o casamento (Marta).

aquela formação de família assim...que é pro casamento...ainda peguei isso...né...aí quando eu comecei a namorar e tudo...aí...mas era uma coisa que me incomodava profundamente...eu sou filha única...quando eu comecei a ganhar presente pra casa...as pessoas...tipo pra enxoval...eu tinha horror dessa palavra...eu falava: “ – gente, se alguém falar essa palavra pra mim, eu vou brigar, eu num quero...enxoval...que coisa horrorosa! (Sílvia).

Apesar de mencionar ter tido influência do modelo da família moderna, podemos observar os dois trechos da fala de Clara, abaixo, acerca de duas conversas que teve com o pai, que este, apesar de ter uma visão tradicional de casamento e família, se preocupava muito também com seu futuro profissional, independentemente de um futuro casamento:

e aí eu num tava a fim de estudar, mas num tava a fim de estudar porque não tava afim de estudar, num tava pensando que alguém fosse me sustentar um dia, nem que coisa nenhuma...só não queria aquela coisa que eu tava fazendo naquele momento, e aí o meu pai ...é... eu fiquei dois anos e meio trancada... o meu pai chegou pra mim, e falou assim: “- Minha filha, como é que vai ser?” Falou assim, quando que casei com a sua mãe, eu acho que essa mentalidade mudou, sabe...e em conseqüência disso várias coisas mudaram... “- Quando eu casei com a sua mãe, eu sabia que eu ia ter que botar uma babá, que eu ia constituir uma família... que eu ia...é...ter vários filhos... e num sei o quê... e hoje em dia as coisas não são mais assim...” eu acho que na cabeça dele, ele tava achando que eu tava esperando alguém que viesse, me bancar sabe (risos), mas aí ele pegou e falou “- As coisas não são mais assim, como é que vai ser? Por enquanto eu tô aqui...” Ele falou: “- Agora, se você quiser comprar um batom, você vai ter que pedir dinheiro pra alguém?” Falou assim...é...é...e ele falando isso, que ele já é mais velho, os meus pais já são mais velhos, minha mãe tem 83 e meu pai tem 78 hoje, então, sempre tiveram a idade dos avós dos meus amigos, ele falou assim: “ Como é que vai ser? Você vai ter que ter esse subsídio, você vai ter que ter arma pra lutar e num sei o quê”... então eu acho que muito desse tipo de mentalidade, sabe... é... mudou (Clara).

Clara também afirma, que na família dela o casamento tradicional nunca foi algo almejado nem por ela nem pelos irmãos:

eu nuca tive na minha cabeça, esse ideal de “o casamento”, de assim daquele casamentão, num sei o quê, vou vestir...a gente... eu acho que lá em casa a gente foi meio criado assim... esse parâmetro...tanto é, que os meus dois irmãos... eles moram juntos... a minha irmã ainda mora lá em casa (Clara).

As três participantes que têm irmãos relataram que um bom relacionamento com os sobrinhos é muito importante em suas vidas:

eu sempre fui de brincar mesmo com a criançada de carregar, fazer bagunça, eu tenho duas sobrinhas, uma é muito pequenininha ainda...a outra tudo o que a gente pôde fazer de bagunça junta, a gente fez...então eu acho muito legal (Clara).

eu já pinto e bordo com as crianças, ou eu levo os meus sobrinhos pra passear (Marta).

eu tenho uma sobrinha só, uma afilhada, aliás uma sobrinha que é minha única afilhada, eu sou completamente apaixonada, é minha filha, né eu sinto saudade, sonho, sinto falta, choro quando tô perto dela, eu, eu adoro minha sobrinha (Elisa).

Para a maioria das entrevistadas, como podemos observar em suas falas, a dedicação à família foi um dos motivos que relataram como tendo sido muitas vezes decisivo para que não se dedicassem

mais a uma relação amorosa e, conseqüentemente, a um casamento ou relacionamento estável. Para muitas delas, inclusive, assegurar o bem-estar da família – principalmente dos pais- é uma prioridade.

Ainda em relação à família, foi possível observar que as participantes, em sua maioria, são oriundas de famílias nucleares, com uma formação tradicional que as educou para o casamento. Parece, no entanto que vários paradigmas contemporâneos acerca do comportamento feminino, como a importância do trabalho para a mulher e a não-obrigatoriedade do casamento para se viver junto, com um companheiro, foram passados para elas pela própria família, como se pode observar, em especial, na fala de Clara.

c- Trabalho:

Todas as entrevistadas destacaram que sua atividade profissional tem importância fundamental em suas vidas:

Pra mim é a importância prioritária, sempre me dediquei aos meus estudos, né, e depois que comecei a trabalhar realmente dedicação exclusiva (Elisa) .

Eu diria que 100%... . Meu compromisso até hoje é com o meu trabalho (Marta)

Nossa...é...a profissão é tuuudo na minha vida, né? É o meu ganha pão...e assim...eu coloco...seria meu casamento...primeiro eu vejo a minha profissão, né...eu estudei pra isso...eu gosto do que eu faço...e...enfim...eu acho que é... é... o matrimônio perfeito...eu e minha profissão...eu e a Advocacia. Glória, 40 anos.

Olha, eu vou falar da minha profissão de hoje, né...o Serviço Social foi muito importante...mas eu tô aposentada...atualmente eu sou terapeuta e tem uma importância enorme...claro...assim...acho que...minha vida sem o trabalho...nem sei assim(risos) (Sílvia).

agora é uma coisa que é importante sem dúvida... porque ele....ainda mais na minha vida, eu não tenho família (Clara).

Três participantes destacaram que a dedicação ao trabalho é uma coisa prazerosa e que traz realizações importantes:

apesar de ser formada em administração de empresas, antes eu sou formada em instrumentação cirúrgica, que é a minha opção, que é o que eu exerço... eu largo o que eu tiver que fazer pra estar numa cirurgia. Pra mim o mais importante são as cirurgias (mudou a voz para enfatizar). Não é viajar, passear...então eu acho que a profissão é o que te realize primeiro, te possibilita...melhorar a vida...melhorar a mente...deixar sua cabeça ocupada... você cresce em todos os sentidos...você abre os seus horizontes (Marta).

primeiro eu vejo a minha profissão, né...eu estudei pra isso...eu gosto do que eu faço (Glória).

claro que além da questão do suprimento, né...da sobrevivência, né...porque eu necessito dele...a minha aposentadoria não é suficiente...assim...até seria de uma forma modestíssima...assim...sem poder fazer quase nada né...e...mas eu pago aluguel e tal...então eu necessito do trabalho né...e eu gosto muito...é um trabalho assim que eu escolhi...é faço com muito prazer...com muito gosto...acho que tem que ser assim pra lidar com...com...saúde...né...com as pessoas que tão precisando de um certo...é...se sentir melhores...você tem que ta muito bem né...então eu tenho além de tudo....(risos) a obrigação de ta muito bem comigo...pra eu poder fazer alguma coisa em alguém né...mexer numa pessoa você tem que ta muito bem...então o trabalho tem essa importância...tanto da satisfação pessoal mesmo...que eu adoro fazer...quanto na questão da sobrevivência (Sílvia).

Uma entrevistada relatou que o trabalho para ela, antes de qualquer realização pessoal, é a maneira que ela tem de prover seu sustento:

Bom, a minha profissão, hoje em dia, é mais do que qualquer outra coisa meu sustento...assim, agora eu tô sem trabalhar, mas assim...é...é uma coisa importante, eu até acho, eu sou arquiteta...a arquitetura pra mim...é um mercado muito difícil...assim, não é só pra mim... o mercado de arquitetura é muito difícil...então eu acho que a gente...eu sempre tô com pouca grana....(risos) pouquíssima...o que é muito chato...pra quantidade de trabalho que eu já tive na minha vida...é...eu acho que o arquiteto de uma forma geral é muito mal remunerado (Clara).

Todas mencionaram que o fato de serem solteiras e sem filhos influenciou positivamente sua vida profissional, pois acreditam que teriam evoluído menos profissionalmente se tivessem se casado e tido filhos:

só positivamente...por exemplo eu tenho mais tempo de me dedicar...é poder estudar...poder fazer cursos sem restrição de final de semana...de viagem essas coisas... eu acho que só positivamente...eu acho que eu nunca senti assim...algum tipo de sei lá...preconceito...ou tentativa de uso ou de abuso...não, não, nunca... nada de negativo que eu me lembre... eu acho que a gente sozinho anda mais rápido (risos) (Sílvia).

eu acho que influenciou sim, se eu parar pra pensar, em termos do volume de trabalho que eu já fiz, como arquiteta, e que eu ia muito pra longe...é...eu trabalhava num serviço que era num...é num escritório eu fiquei quase seis anos...num escritório que era terceirizado de um

banco federal, então assim...é...era um volume de trabalho muito grande...é...eu acho que o estado civil, quando você perguntou, num é que influenciou no meu trabalho...eu acho que o fato de eu ser solteira...é...e... não ter que ir pra casa às cinco horas pegar menino que tá saindo do colégio, tudo...fez com que eu assumisse mais coisas dentro do escritório...de ter uma disponibilidade de tempo...é muito maior e num horário muito mais flexível... que uma pessoa que talvez tivesse filho... e que tem que pegar menino no colégio...que tem que chegar em casa porque vai encontrar o marido, que num sei o quê...então...eu acho que nesse sentido sim...não como uma coisa determinante...você é solteiro então você vem... você é casado você não vem...você é casado você vem, você não é casado você não vem...não nisso. Eu acho assim, que, a minha vida tava estruturada de uma forma que permitiu que eu assumisse coisa, que demandavam mais tempo livre assim, disponível pro escritório, do quê, talvez uma pessoa casada tivesse, que nesse aspecto sim, mas não assim, você vem porque é casado, você fica porque é solteiro...entendeu? (Clara).

eu acho até...que hoje...por exemplo...se eu estivesse casada...é muitas coisas eu teria de deixar de fazer né?...é...viagens...eu teria que optar... eu trabalho o dia inteiro...eu chego em casa às nove da noite... e aí eu não sei...talvez eu não tivesse esse trabalho da parte da tarde...né?...eu acho que até pesaria negativamente (Glória).

Não, eu vejo assim, é pra quem é solteiro profissionalmente é mais fácil pra uma empresa, porque você não tem o compromisso de filho, de...se bem que marido, não impede nada né, mas os filhos não é que impeçam, mas você tá sempre ligada no filhooo, é se tá doente, se tem febre, se comeu se não comeu, ficou com quem, se tá na escola, aquelas coisas todas, mas em relação a marido não. Claro...quem não tem filho, o custo pra empresa é bem menor né, quem tem marido... (muda a entonação da voz) marido não é parente! Filho é! (Marta).

o fato de eu ser solteira, eu sempre tive maiores oportunidades por ser solteira, né, eu sempre trabalhei em áreas problemáticas da empresa, antes também quando eu era estagiária, Direito tal, então (pausa), eu sempre me dediquei de mais, né. Extrapolando horário de trabalho, né, e o fato de eu ser solteira, eu tinha uma credibilidade maior ao lado dos meus superiores, entendeu, me davam determinados trabalhos que de repente, uma moça, uma mulher casada com filho não teria oportunidade. E eu tive excelentes assim.... trabalhos, que eu desenvolvi, até, principalmente nessa empresa, pelo fato de eu ser solteira e ter disponibilidade de horário, pra poder desenvolver, né (Elisa).

O trabalho é uma prioridade na vida de todas as mulheres entrevistadas e, para a grande maioria, a profissão é fonte de realização financeira e pessoal. Apenas uma entrevistada se mostrou insatisfeita profissionalmente, principalmente pelo fato de não estar sendo bem remunerada. Apesar disso, no entanto, ela também considera que o trabalho é algo muito importante para a sua manutenção.

Outra questão relacionada ao trabalho apontada pelas entrevistadas é que elas acreditam ter tido mais oportunidade de crescer profissionalmente do que se fossem mulheres casadas e com filhos, pelo fato de possuírem maior flexibilidade de horário, mais mobilidade para se deslocarem em viagens a

trabalho, por terem podido se dedicar durante mais tempo aos estudos e por acarretarem menos gastos para as empresas em que trabalham. Assim, tiveram, segundo elas, maior ascensão profissional do que se fossem as mulheres casadas e com filhos.

2. Relacionamentos Afetivos:

Na categoria relacionamentos afetivos serão analisadas as questões relativas a como as participantes vivenciam seus relacionamentos afetivos interpessoais. Estamos entendendo aqui por relacionamentos afetivos, tanto os relacionamentos amorosos quanto os relacionamentos de amizade. Por esse motivo, estes dois tipos de relacionamento serão divididos a seguir em duas subcategorias para efeito de análise.

a- Relacionamentos amorosos:

Todas as entrevistadas relataram que os relacionamentos amorosos, de maneira geral, estão sofrendo modificações, em grande parte geradas pelos novos papéis que as mulheres de classe média vêm assumindo na atualidade, chegando ao ponto da entrevistada Glória relacionar seu estado civil ao nível intelectual:

Olha, eu acho ótimo! Eu sempre me classifico assim, como uma mulher inteligente, alguém me pergunta assim: “Você é casada?” E eu digo: “Imagina, eu tenho cara? Olha a minha cara eu tenho cara de inteligente, eu sou uma mulher solteira!” E eu acho que ela tem mais hoje outras conquistas...né...o casamento deixou de ser prioridade, na vida das mulheres né...eu pelo menos penso assim, na minha vida, casamento (risos) tá muiiito, muito, muito lá atrás, esquecido até . . . eu acho que mudou muito hoje...a mulher não precisa se casar para ter um título, se eu continuar solteira...eu vou continuar sendo a Glória, Advogada, pessoa séria, brincalhona, vou continuar sendo eu, do jeito que eu sou...não vou mudar muito. E é surpreendente, hoje...até essas pessoas mais velhas...ter...também esse tipo de pensamento...hoje a minha tia diz assim pra mim: “Nossa, pra quê casar? Pra quê arrumar problema?” Porque ela entende casamento até como um problema...até pelo meu trabalho...ela fica imaginando assim...sei lá...de repente...ser vítima de violência...ou arrumar um marido que daqui a pouco tá desempregado, e num vai querer mais nada e aí vai ficar nas costas da mulher, né. Eu vejo que as pessoas hoje tão mudando muito...até as pessoas de mais idade, né (Glória).

eu acho o seguinte: eu sou uma pessoa independente, né fica muito difícil você encontrar um namorado, um companheiro, que.. como é que eu vou te dizer... que tenha certas afinidades com você, ou que já tenha uma, uma vida estruturada, entendeu, então às vezes o namoro não dá certo. Eu sou uma pessoa que geralmente me interessa por pessoas mais jovens do que eu, isso já é um problema pra mim, né, pessoas que tão estudando ainda ou que tão acabando de se formar, né não tem estabilidade na vida, nada, isso aí atrapalha à beça, atrapalha muito, né. Mas...acho normal, gosto de namorar, tenho os meus namorados, né (Elisa).

Da mulher permanecer solteira? Eu acho que é uma série de coisas, eu acho assim....que....é...é...que é uma circunstância em alguns casos e acho que é uma escolha também....sabe e acho que junto disso, eu acho que a gente tá passando por tanta transformação, em todos os sentidos, que por exemplo... é... eu acho que ninguém quer assumir mais nada...eu acho que as pessoas são muito retraídas, no sentido assim, delas se entregarem...acho que existe uma diversidade assim, é muito grande de...de escolha sabe... uma coisa meio assim, meio pulante (risos) assim de parceiro, é...é... pensar sobre uma coisa assim, é...ah, a mulher solteira seja isso ou seja aquilo, de fato eu não sei, eu acho que hoje em dia, é... num grau...é... generalizado, as relações são mais difíceis sim, sabe... eu acho que as pessoas... elas são...mais superficiais, acho que elas tem mais medo, delas se darem e de se atarem mesmo umas as outras entendeu? (Clara)

Eu acho que aí a gente tem toda uma circunstância de vida... eu acho que a mulher ganhou um espaço (Clara)

.mudou em função das mudanças que o mundo teve... então eu acho que hoje em dia ninguém atura....seja homem, seja mulher...uma relação que não supre mais...a não ser...quem seja inteiramente dependente do ponto de vista do dinheiro, seja homem ou mulher, entendeu? Que eu conheço caso de homens que são atrelados às esposas por uma questão financeira....sabe?... Então eu acho assim...que...tem umas escolhas eu acho...que é uma circunstância... e eu acredito muito nessa coisa....nesse negócio de você gostar...sabe...pra mim eu acho que essa questão é fundamental... tem gente que lida com isso de outra forma, né?! Eu acho assim...as vezes a pessoa não encontra de fato alguém... ou então encontra mais não dura... que eu acho que é o que mais acontece hoje (risos), encontra mas não dura...então eu num sei, eu acho que tem uma série de circunstâncias...que...todas elas num aspecto meio individual, que faz com que a pessoa continue solteira, ou não... eu nunca tive na minha cabeça, esse ideal de “o casamento”, de assim daquele casamentão, num sei o quê, vou vestir...a gente... eu acho que lá em casa a gente foi meio criado assim... esse parâmetro...tanto é, que os meus dois irmãos... eles moram juntos... a minha irmã ainda mora lá em casa...a minha irmã tem um namorado a cinco anos, então eu acho que eu nunca criei essa expectativa...de...é...de...num casar e ficar solteira a vida inteira, não... mas é de constituir uma família, de num... então eu acho que isso é meio relativo... e acho que as vezes as coisas acontecem ou não...é...acho até que tem uma mulherada aí que fica meio... chumbada...porque...a tem garota aí que tem vinte e poucos anos e tá achando que tá encalhada...entendeu? Eu não consigo entender o que acontece com uma menina de vinte e poucos anos, nos dias de hoje, ter um raciocínio desses entendeu. Então eu acho assim, que a questão, ela... eu acho que existe um contexto global, de fato...das pessoas não tarem mesmo se encontrando...e se assumindo, mas eu acho que tem uma questão também que dentro desse quadro, ela é individual, né de você achar ou não o seu parceiro... acho que a mulher não suporta mais uma pessoa que não atenda a ela...é... no sentido da cumplicidade...mesmo...entendeu...acho que é isso... não sei exato assim...acho que são diversas causas, sabe? É mais ou menos isso (risos) (Clara).

mas eu acho muito importante a auto-suficiência assim...viver com o que ganha, sem depender de nada...de ninguém....e ser livre (Sílvia).

eu acho que as mulheres tão mudando, e estão descobrindo que... além dos sentimentos, tem o lado profissional.... que é o que nos garante mais... a gente não precisa depender do marido em momento algum (Marta).

Três entrevistadas relataram que não pensam em se casar do modo mais tradicional, mas afirmaram ter pensado ou ainda pensarem em ter uma relação de coabitação estável mais duradoura:

Um casamento na minha visão, não é esse casamento de você chegar, e casar, e botar uma aliança...não seria isso... eu acho que...é...eu falaria de um casamento de uma forma...de Ter uma pessoa cúmplice...mas que...num é só uma cumplicidade não...é de alguém que goste de você e que você goste muito dessa pessoa...certo, porque se for pra viver mal junto é melhor você num...você ficar sozinha (Clara).

A importância que eu dou ao casamento é zero.. .eu acho que não quer dizer absolutamente nada...né eu acho que tem que ser o contrato de vontade só...eu tô a fim de morar com você, você tá afim de morar comigo, ótimo...se não der certo, cada uma vai procurar a sua vida e continuar vivendo (Glória).

Casamento pra mim não seria assinar papel, nada disso, como você falou uma união estável né?...Que a gente pudesse... todo dia...apesar de acordar todo dia, aquelas coisas todas (Marta).

Elisa foi a única entrevistada que disse preferir o casamento dentro dos moldes mais tradicionais:

eu dou o maior valor...não que isso seja uma coisa imprescindível na minha vida, eu vivo bem sendo solteira, não tenho aquele problema assim...de...ter aquela necessidade de Ter um marido, não tenho isso, não tenho mesmo...maiiiiiss.....se eu por acaso tiver com uma pessoa... que eu ame, que dê certo...né...nada mais natural do que viver junto, casar....aliás eu acho até que eu casaria, não viveria junto, casaria, né ...eu...eu acho bacana (Elisa).

Todas as entrevistadas relataram que pensam ou pensaram, em algum momento de sua vida, em “morar junto” com um parceiro ou em se casar:

Casar não, morar junto né? Quando eu namorava o cara de Minas, que quando nós começamos a namorar, porque como nós já nos conhecíamos como amigos, mas não como homem e mulher né, que ele levou quase um mês pra me dar um beijo né, eu falei, esse cara é viado! Me canta, me manda flor, me faz um monte de surpresa, mas beijo que é bom zero (risos). Então o

nosso trato, foi quando a gente realmente começou a namorar, foi no carnaval que eu fui pra lá, passar o carnaval lá, foi de quê a gente ia namorar um ano, se um ano depois, a agente achasse que o negócio tava bom, a gente casava assim: Sexta, Sábado e Domingo lá, eu ia pra lá Sexta, Sábado e Domingo. Primeiro porque eu tinha mais condições, eu ganhava mais, que eu acredito que foi uma das coisas que separou a gente, eu estudei mais... eu tudo mais...e ele tudo menos... então a gente pensava assim, em ficar junto assim...é como se fosse casamento, mas...eu não ia morar lá, porque lá não tem opção de emprego e ele não viria pro Rio, porque ele não ia ter como ter emprego aqui, né, porque ele tem marcenaria, ele faz móveis...então... aqui o mercado já é fechado e fora daqui não (Marta).

Pensei... cheguei a pensar em casar, mas eu era...eu acho que era maio...eu era não...eu acho não, eu era muito mais jovem, tinha vinte e poucos anos né, e pensei em me casar, eu gostei muito... de uma pessoa...mas não deu certo...por problemas de distância, né, de moradia e problemas de família né... ele não queria largar o estado dele, o emprego, a família e eu também não, até porque a minha mãe é uma pessoa que tem problema de saúde e eu não podia ficar longe, tinha que dar assistência e tal...desisti, mas já cheguei a pensar naquela época...eu não vou te dizer que eu não pense, né, eu não sou contra casamento, eu tô namorando, eu, eu espero que dê certo, sei lá se algum dia eu ainda vou me casar...ou vou morar com alguém... não sei né...eu...num, num, sou contra o casamento, muito pelo contrário...mas só uma vez que aconteceu de eu quase me casar, né, atualmente tô tentando (risos) ver se dá certo (Elisa).

eu jovem assim...até uma...umas duas vezes assim na vida...eu tive vontade de casar...de ficar junto...mas era uma situação muito específica...que eu morava com os meus pais...e tinha um namorado que eu gostava muito...não era o casamento em si...mas era uma forma de poder tá junto...mais tempo né...com a pessoa...e...aí na época as circunstâncias não eram...não foram favoráveis e tal...num aconteceu (Sílvia).

Então, eu acho que nesse caso...é...específico teve um momento que eu...eu num digo nem que eu tivesse pensado...pensado como querer...porque...se foi de fato um querer, eu tinha levado minhas coisas pra lá...porque ele próprio falou: “- Olha trás suas coisas, num seu quê”...mas é uma coisa que assim...daí é que eu digo...que eu acho que essa coisa de casar não fez muito...muito parte da criação, porque...assim...dava pra viver daquele jeito ali...eu indo pra lá e voltando...e num sei o quê...e...e...se fosse um caso de casar... é seria uma consequência natural, sabe?...Assim...ah...já tá aqui...já tem chave...já num sei quê...dorme aqui...já fica aqui...guarda o carro aqui...vem pra cá...vou pra lá...e...vem...isso e assim essa outra história de depois que mexeu comigo (Clara).

Não...é eu gostaria sim...é com esse meu atual namorado eu tenho pensado muito nessa possibilidade. Mas porque ele também se parece muito comigo sabe? Uma coisa de pensar como eu...a gente tem conversado muito...são só três meses...tá assim uma evolução...e assim...isso nunca tinha...me ocorrido...assim...de morar, dividir um espaço, né...(risos) e eu tô gostando da idéia e eu não sei como é que vai rolar isso. Eu não sei se é pela distância que eu tô tão empolgada...mas...eu tô gostando dessa idéia (Glória).

Quatro das cinco entrevistadas relataram que dentre as características mais importantes em um relacionamento estão o respeito, a cumplicidade, a lealdade e a sinceridade:

Antes de qualquer coisa eu acho que você tem que ter respeito, pela pessoa e não um respeito do medo não, um respeito da consideração...eu acho que isso você tem que ter até independente até de relação, eu acho que hoje em dia...esse...isso se perdeu um pouco...sabe...eu acho que de uma maneira geral...independente do relacionamento, é eu acho que essa questão do afeto é uma crise generalizada sabe? Mas eu acho...que tem que ter respeito (Clara).

“... eu acho que é respeito...que é cumplicidade, sinceridade...sabe...é... outro dia um amigo meu falou assim: “- Clarinha, o quê que é traição pra você?” E peguei e falei assim: “- Traição é a mentira” eu falei “é você enganar”, eu falei, mas nem o fat, então ele falou: “então você acha que é enganar?”, eu falei: “-é” ele ainda falou assim: “você acha que se você se relaciona com alguém...e...e essa pessoa fica com outra pessoa isso é uma traição?”, eu falei: “eu acho que isso aí tudo... a gente falar de uma coisa hipotética, é muito fácil...que na hora tem todos...todos...os...os... valores e tudo que...oque aquilo dói em você, e que dói no outro...mas eu falei assim: “Eu acho que...é... eu acho que a traição não é nem o fato de você ter ido lá e ficado com outra pessoa...e você mentir e omitir que, aí eu ach...é você enganar...nesse sentido...porque eu aeu acho que enganar os outros é muito ruim, seja em que instância for sabe...e eu acho que importante é isso... é você ter carinho, você ter verdade... você ter cumplicidade respeito...é...amizade também né?! (Clara).

Lealdade, fidelidade, né ,ã... o amor, né, isso acima de tudo (Elisa).

Ah, uma coisa é companheirismo, né...confiança...é... o respeito assim...acho que o respeito vem até antes de tudo...porque se você respeita o outro, você admira, você gosta...e trata bem, né?...Acho que respeito, companheirismo (Sílvia).

né e eu acho que o que leva um relacionamento pra frente é respeito, é respeitar o outro, é entender como é que ele é, as diferenças do outro, né os nossos dedos não são iguais, as pessoas não são iguais, a gente não pode querer que o outro seja exatamente como a gente é...não... não pode construir o príncipe encantado, ele não existe...a gente pega o sapo e faz ele virar príncipe (risos)... mas com muito jeitinho é claro, sei lá... é difícil, viver...é... com outras pessoas, conviver com outras pessoas é difícil (Marta).

Glória e Elisa disseram que uma das característica mais importantes, na avaliação delas, em um relacionamento é a independência financeira, Gloria revelou que além da independência financeira acaba se refletindo independência emocional, que para ela também é importante:

Eu pelo menos eu só fico com quem eu gosto realmente, eu num, eu num tenho

(risos), isso eu falo sinceramente, eu não tenho nenhum tipo de interesse financeiro por ninguém, isso não me interessa, né (Elisa).

Bem...eu poderia falar aquelas coisas né...bem românticas... da importância...num sei o quê...da pessoa carinhosa...não...eu acho que a importância...no...de uma relação né...é...eu acho que até pra ser duradoura né...que as duas pessoas sejam independentes...né que não dependam nem emocionalmente e nem financeiramente um do outro né? Eu acho que a gente pode...dosar isso bem... e claro respeito...tudo isso aí também...respeito, amizade...num sei quê, num sei quê...é isso tudo é importante né? Mas eu vejo assim...que a independência né...é uma coisa...quê...quê...na realidade...eu gosto muito né...das duas pessoas independentes né...ninguém dependendo de ninguém (Gloria).

Quatro das cinco participantes declararam que, para elas, o mais importante para iniciarem um relacionamento amoroso está ligado às características psicológicas do parceiro, como inteligência e bom humor, em detrimento de características físicas:

eu nunca iniciei um relacionamento tentando dar certo, geralmente eu me interessou, né eu tenho uma paixão, ou a pessoa me atrai de alguma maneira, eu gosto de estar com aquela pessoa, né, mas eu admiro assim, a inteligência num homem, Deus me livre de homem burro (risos), posso falar assim, né? Inteligência, caráter, né...tem que ser uma pessoa de bom caráter,(pausa) deixa eu ver... Não pode ser uma pessoa... como eu vou dizer...mansa...pelo meu gênio, né, eu tenho o gênio forte, então tem que ser uma pessoa...com um gênio mais forte até, pra poder se dar bem comigo (Elisa).

Eu num procuro nada! Não tem característica assim: se é bonito se num é, num tem nada disso. Eu acho que...é...bom vamos dizer assim eu procuro que seja uma pessoa que pelo menos fale a mesma língua que eu... indiferente se tem o mesmo nível que eu...eu acho que isso não tem nada a ver... mesmo nível de instrução, num sei o quê...é claro que eu adoro alguém que já tenha até mais instrução que eu, que tenha lido os livros que eu nunca li, ou viu os filmes que eu ainda não vi, que eu só vou aprender com isso, mas assim... eu...eu...num procuro nada em especial...acho que vai do cada dia...todo dia...a gente descobre uma coisa nova na pessoa, independente se é solteiro, casado se é...se já foi casado se não é, né...tanto que eu já namorei homens casados... que eu acho que quando a gente gosta de alguém a gente gosta da pessoa o estado civil...é...vem junto... né, acho que isso não é importante (Marta).

“ó, tem essa questão...que eu acho que a pessoa tem que te atrair de alguma maneira...não necessariamente por ser bonita né...num é isso...eu acho assim que...presença de espírito...é uma coisa que eu acho que é fundamental...sabe? Humor... eu acho que de cara uma pessoa que chega...e se coloca bem nas situações...sabe...aí tem aquelas tiradas que são inteligentes...eu acho que assim...é... isso eu acho que é uma coisa...que de cara já ganha sabe?...assim...você chegou num lugar, e viu umas pessoas que puxa...fui com a cara daquele dali...e num sei o quê...eu acho que...a maneira como a pessoa se aproxima de você...também eu acho que é um coisa que é muito...eu acho que é fundamental...assim, pra...aí já num é um relacionamento, é pra começar um relacionamento, né? Então, assim...eu acho que a maneira

como a pessoa se aproxima de você, se ela é inteligente...inteligente não é culto não...não é aquela pessoa que fica esnobando cultura...que isso eu nem acho graça, essas coisas de...ficar com esse papo de intelectual de prontidão, eu acho isso uma chatisse, mas assim....ser inteligente em outras coisas...se tem uma tirada que é bacana, uma pessoa que é safa no sentido de não esquentar a cabeça com bobajada, entendeu? Então eu acho que o humor (Clara).

Ah, num sei...eu...eu...fico muito presa a parte assim...eu adoro pessoas inteligentes, tá...então o mental, o intelectual, é uma coisa que me atrai muito...então eu diria que esse é o primeiro ponto...é mais fácil eu me apaixonar por uma cabeça do quê por um corpo...né...e... eu acho que é isso...eu acho que é só isso mesmo (Glória).

Apenas Sílvia relatou que a característica que considera mais importante para iniciar um relacionamento é a atração física:

A primeira coisa...não...a primeira é essa atração que não precisa nem falar né? Se não rolar isso...num...num...é claro que de cara num rola nada...a outra coisa é assim...é...em relação a visão dele com a vida...com o mundo...isso é muito importante...eu jamais teria...podia ser o maior tesão do mundo que ia acabar na hora se fala uma coisa assim do tipo...sei lá...uma coisa filosófica ou ideologicamente muito diferente da minha...né...isso aí...é essencial...né? Uma maneira de ver o mundo com senso crítico...que tenha mais ou menos as mesmas posturas em relação ao mundo, nesse sentido né...isso pra mim é essencial...e depois é essa coisa...aceitar essa minha maneira de viver...né? Que não é todo mundo que entende, que acha certo...que...mas isso é essencial, não é? Senão num continua né (risos) (Sílvia).

Todas as entrevistadas concordaram que as características mais importantes para a durabilidade de um relacionamento são as características psicológicas, como: admiração, inteligência, companheirismo, demonstrações de carinho e afeto, afinidades e a tolerância para com as diferenças entre os dois:

É, eu diria que também faz parte eu continuar admirando, essa pessoa, a cabeça...o intelectual dessa pessoa...mas também o companheirismo né...sem...sem...essa coisa grudada, mas tá ali...é companheiro...e...enfim...eu acho que é isso né? Eu acho que é isso...eu não sei muito bem...eu não sei, mas eu espero coisas boas (Glória).

Pra continuar, é aquela história que eu já falei...eu acho que tem uma questão de carinho...eu acho que é fundamental assim...a pessoa ser afetuosa...é...ser sincera né? É te dar os sinais né?...Te receber bem...né?...Acho que você...a pessoa...essa questão de você se sentir acolhido pelo outro...Isso eu acho que é muito legal...eu acho que a pessoa abre os espaços e mostra pra você que...que...você cabe ali...naquele lugar...sabe? Isso eu acho que é bacana...e...e acho que é isso, é cumplicidade...é você perceber que o outro tem prazer de tá junto com você...de querer te ver...de te fazer...fazer com que você se sinta bem ali...te dar um valor, sabe...te dar um carinho...a questão do carinho físico mesmo...de demonstrar que gosta da sua presença...que gosta de fazer carinho em você...que gosta de receber o seu carinho...né...e aí vem aquelas coisas que são

motivos...que são valores, mas que eu acho que é o que dá andamento na coisa, é você perceber que a pessoa tem caráter...né...que é uma pessoa que é bem intencionada, que não é nenhum filho da mãe (risos), entendeu...e eu acho que é isso... e eu acho que a coisa vai embora pelas afinidades...sabe...se você...gosta, se você respeita, se você é amigo, se você tem bom-humor, se você é inteligente, se for bonito melhor (risos) mas não é o fundamental...é isso (Clara).

Continuar é o mais difícil né, o iniciar tudo é bonito, todo mundo é bonitinho, todo mundo é perfeito...todo mundo tem bolinha azul, aí depois, aí depois começa a aparecer as vermelinhas... eu num sei, eu nunca tive um relacionamento assim muito longo...pra dizer o que foi que durou, que não durou... da minha parte, eu falo assim...eu procuro ser bastante compreensiva, se eu não gostei dum negócio, não vai ser naquela hora que eu vou falar, vou esperar uma melhor hora pra falar, ou não vou falar nada... vou olhar por outros ângulos...é me colocar no lugar daquela pessoa... né e eu acho que o que leva um relacionamento pra frente é respeito, é respeitar o outro, é entender como é que ele é, as diferenças do outro, né os nossos dedos não são iguais, as pessoas não são iguais, a gente não pode querer que o outro seja exatamente como a gente é...não... não pode construir o príncipe encantado, ele não existe...a gente pega o sapo e faz ele virar príncipe (risos)... mas com muito jeitinho é claro, sei lá... é difícil, viver...é... com outras pessoas, conviver com outras pessoas é difícil, agora dormir e acordar com a mesma pessoa eu acho que é mais difícil ainda...você conhece o cara que sai com você todo dia... ou saí de vez em quando num fim de semana, mas você não conhece o cara que... larga a toalha molhada, ou então que é o arrumadinho demais que é o pentelho, né... você não conhece o cara que...que ronca, vai dormir comigo tá ferrado, que eu ronco também(risos) (Marta).

Importante, eu acho importante, eu acho que...tudo bem, eu dou valor aquelas características que eu te falei, mas até por eu gostar, por eu ter uma vida, que eu posso me dar ao luxo de ir a uma praia, a um restaurante, a um barzinho, tomar meu chopp que eu gosto e tal, eu acho que aquela pessoa tem que ser meu companheiro, né, se for uma pessoa que, não goste de sair, né. Fique só lendo (risos), o tempo inteiro né, eu acho que eu já leio o dia inteiro, então eu gosto de programas ao ar livre, então tem que me acompanhar acompanhar pra isso. Senão, começa a não dar certo (Elisa).

é...que essas coisas iniciais de alguma forma sejam mantidas, né...que você continue admirando a pessoa , né? E aí você vai conhecendo mais ela e vai percebendo as atitudes dentro das situações...a gente vai vendo se confirma né...aquela admiração inicial...que sempre é uma coisa mais rápida assim (Sílvia).

Sílvia, em sua fala, afirmou que uma característica fundamental para que um relacionamento tenha continuidade é que seu parceiro respeite a sua privacidade:

e pra continuar...tem que ser....assim...eu não posso sentir nem um pouco que a pessoa quer tomar posse e mim, que quer ser minha dona....meu dono assim...tipo...ai foi aonde...tava com quem....qualquer atitude que me demonstre assim: “ Ah, ta desconfiado de quê?”

de alguma coisa...assim...já num....já acabou assim....num tem graça nenhuma, sabe? Num...num rola mais nada...num existe...mais na minha cabeça a possibilidade de aceitar...um tipo de relação que eu seja meio...controlada...meio vigiada...meio...tratada...assim como se eu fosse um bibelô...que precisa ser cuidado...assim...essas coisas...aí...é o que não pode ser...agora o que pode ser é isso mesmo...é eu me manter livre, a pessoa sabe que eu tô ali porque eu quero mesmo...tô ali por prazer, por escolha, que eu teria mil outras coisas pra fazer...mas tô ali porque eu quis, isso não é pra ser questionado (risos)...e é isso (Sílvia).

Todas as participantes da pesquisa relataram que, ao longo da vida, tiveram vontade de se casar ou de ter um relação estável de coabitação estável com um companheiro. Uma das entrevistadas, que está namorando no momento, revelou sentir vontade de morar com o namorado, embora no início da entrevista tenha dito que nunca sentiu vontade de se casar ou de morar com alguém anteriormente. Apenas uma entrevistada discordou das demais, dizendo que nunca quis ter uma relação de coabitação estável informal, e mas sim um casamento formal.

É possível perceber nas falas das entrevistadas, que as características que são mais relevantes na escolha de um parceiro são características de ordem psicológica, como inteligência, humor, caráter, sinceridade, compreensão, independência financeira e emocional e admiração, em detrimento dos atributos físicos. Apenas uma entrevistada apontou que o mais importante para se iniciar uma relação amorosa é a atração física.

Para a manutenção dos relacionamentos amorosos, a maioria das entrevistadas afirmou ser necessária a manutenção das características iniciais, acrescidas de tolerância para com as diferenças e de compreensão. Uma entrevistada destacou a importância que dá para o fato do namorado respeitar sua liberdade. Outra entrevistada atentou para a necessidade que se deve ter hoje em dia para estar atento para não se decepcionar com o fato da imagem idealizada que se faz do parceiro amoroso não corresponder ao que a pessoa é na realidade, a fim de que o relacionamento não seja inviabilizado.

b- Amizades:

Nesta subcategoria serão analisadas como são vivenciadas as relações de amizade por parte

das participantes da pesquisa.

Todas as entrevistadas relataram ser muito importante a presença dos amigos em suas vidas:

Eu, dou muita importância aos meus amigos né, eu tenho...graças à Deus.... eu tenho pouco, mas tenho amigos né? (Eliane)

os meus amigos pra mim são fundamentais, fundamentais mesmo assim, é na hora do aperto, eles tão lá, na hora da alegria eles tão lá, e...e.. eu detesto ficar parada assim... em casa...passo a mão no telefone, vou...vamô fazer isso, vamô fazer aquilo, é fundamental, só tem coisa boa sabe? Até os chatos são legais (risos) (Clara).

Sílvia e Glória dão à amizade quase que a mesma importância que dão ao casamento, no sentido, inclusive, como afirma Sílvia, de preencher a solidão:

Você num precisa....ter um marido, né pra isso...e assim mesmo que eu não tivesse ninguém morando...é...eu tenho muitos amigos e amigas assim...pessoas que...é uma rede de gente...que a gente não se sente só, né? Assim...se precisar (Sílvia).

É o casamento perfeito...não vivo sem os meus amigos, cada um deles tem uma importância diferente na minha vida...e...de verdade...mais do que os meus familiares...são os meus amigos...porque tão mais próximos...são as pessoas que eu posso contar mesmo...então ...esse é o meu casamento perfeito (Glória).

Eliane e Marta comparam a amizade à família e Marta destacou que seus irmãos estão entre seus melhores amigos:

“Eu tenho uma grande amiga minha, que eu considero como se fosse minha irmã, né eu acho que a pessoa assim, que é minha melhor amiga, me ajuda muito, todo problema que eu tenho, às vezes que eu não posso levar pra minha irmã, porque...é...é minha irmã né, ou pra minha mãe que já é uma pessoa que tem uma certa idade, converso com ela, sabe, me faz bem, né....eu acho que é muito importante até pra companhia...já que você não te fa, assim a sua família mesmo né... é bom você ter amigos poder contar com as pessoas né, você tá passando qualquer problema, a pessoa dá um apoio, vai na tua casa, você encontra algum lugar pra conversar, isso é muito importante...tá (Elisa).

Bom, eu começo pelos meus irmãos, que nós quatro somos muito amigos...nós fazemos coisas juntos, vamos a praia juntos, saímos juntos, tudo junto, almoçamos juntos todos os

domingos, mas fora dos meus irmãos, eu acho que os amigos... tem amigos que são até melhores do que irmãos né? Assim como eu também tenho amigos que me consideram como irmã, mas eu acho que eles são muito importantes, que tem certos momentos que você não quer dividir com alguém que seja da sua família...então você precisa ter um outro alguém, diferente que não esteja dentro da situação, pra que de repente a visão dele, te dê uma visão correta né, das coisas, te acalme, te coloque mais centrada, acho que amigos são muito importantes, pra mim sempre foram. Eu conheço muito gente, mas tenho muito poucos amigos (Marta).

Clara relatou que por estar distante da família extensiva, os amigos cumprem bem o papel de família:

É fundamental, assim...totalmente fundamental...é minha família não é daqui, a minha família é de Minas, assim...aqui só tem a gente...e eu acho que...pros meu pais morar em Belo Horizonte, seria uma coisa mais bacana, mas assim...eu não tenho nenhuma vontade de ir pra lá...sabe...assim...eu sei que eles não podem ir...se eu não for junto...porque tem que tá perto...num tem que tá junto ali o tempo inteiro, mas tem que tá próximo...é...então assim...e uma das coisas que eu não tenho vontade de ir é exatamente, porque aqui, além de não é o Rio, o Rio carioca, não é nada disso, o Rio é uma cidade que eu gosto, sem nenhum tipo de romantismo e carioquice idiota, nada disso e sobretudo porque aqui eu vou pra onde eu quero e volto e tenho os meus amigos aqui (Clara).

Sílvia destacou que a amizade, como o namoro, deve ser um relacionamento especial, em que um respeite a individualidade do outro:

ser amigo meu...é meio igual aos namorados...tem que ser especial...porque eu não sou do tipo de pessoa que gruda muito com ninguém né...e eu tenho vários amigo que eu amo...mas assim cada um vive a sua vida...cada um vive lá, faz as suas...aí a gente se fala as vezes...tem aqueles amigos que tão mais próximos de mim, por ou porque mora perto, ou porque a gente ta fazendo um curso junto, ou porque a gente vai no mesmo samba, ou porque...a gente se encontra mais em função das minhas atividades, do que em função somente para os amigos....por exemplo eu tenho um grupo que eu participo duas vezes por semana de meditação...a gente viaja junto, mas isso faz parte do trabalho do grupo, né...então são pessoas que eu vejo muito, mas em função desse trabalho...tem uma amiga que eu gosto de sair com ela porque ela gosta mais ou menos das mesmas coisas que eu né? Aí tipo assim...eu to indo em tal lugar assim, assim tá a fim de ir? Assim...e vou muito sozinha...assim faço minhas coisas todas, vou ao mercado sozinha, vou a praia sozinha...vou pra samba sozinha sabe? Quando eu sei que alguém... ah quem sabe fulano gosta de ir lá também...dô uma ligadinha não acho em casa...já fui...num fico amarrada em ninguém e aí tem gente...amigo que reclama: “ Porra, você abandona, que num sei o que...que amiga é essa?” Cobra reclama...gente ó...quem me conhece já sabe que é assim mesmo...amo vocês, adoro...mas sabe...vou ficar assim, com um e com outro pendurada...cada uma faz suas coisas e as vezes a gente se encontra...as vezes fico meses sem ver um amigo....aí...vai senta junto, toma uma cerveja....e tem os amigos assim....mais colados que são, os que tão mais envolvidos na mesma atividade que eu...mas são muito importantes todos...os próximos e os distantes (Sílvia).

Podemos perceber, nos discursos das entrevistadas, que os amigos são de fundamental

importância em suas vidas, desempenhando um papel de destaque no seu cotidiano. Eles chegam, inclusive, a ser comparados aos membros da família e ao casamento. E, ainda, segundo duas participantes, eles têm a vantagem de guardar mais distância e respeitar mais suas individualidades do que ocorre, geralmente, em um relacionamento amoroso.

3- Vantagens e Desvantagens de Ser Solteira ou Casada

Nesta categoria serão analisadas as vantagens e desvantagens, apontadas pelas entrevistadas, em ser solteira ou casada.

a-Vantagens de ser solteira:

Todas as entrevistadas relataram que as grandes vantagens de ser solteira são: a liberdade, a mobilidade, o fato de não ter compromisso com uma outra pessoa, o que traz maior disponibilidade para as coisas, e a preservação da liberdade e da individualidade. As participantes Marta e Sílvia, ao citarem as vantagens de ser solteira, mencionaram, inclusive, a liberdade de poderem ampliar o número de parceiros amorosos:

as vantagens de ser solteira, é não ter compromisso com horário, né...compromisso com horário que eu digo...eu não tenho que sair correndo pra casa, pra aprontar o jantar, se eu quiser ficar uma semana sem lavar roupa...sem bater roupa...eu posso ficar também...juntar duuuas semanas, depois levo tudo pra lavanderia...e eu acho que isso é uma vantagem...essa falta de compromisso...essa falta de... num é de responsabilidade não...mas eu posso ter uma vida muito mais light né....o meu compromisso é comigo...eu não tenho compromisso com mais ninguém, tirando o trabalho que é uma outra história...mas a minha vida pessoal...assim...o compromisso é só comigo...e eu gosto (Glória)

Liberdade, você tem uma liberdade muito grande...é até pra você poder dar uma atenção pra tua família, é o que acontece comigo, né...você pode se dedicar mais ao trabalho...eu acho...isso é uma realidade, embora tenha muita gente que não concorde, mas é uma realidade...você ter um horário, praticamente integral, disponível né...eu já viajei muito a trabalho, coisas que uma pessoa casada teria problemas de deixar filho, né, eu não, já passei várias semanas fora (Elisa).

Eu acho que muitas né? Assim, você saber que você pode...é ir pra onde você quer sem dar nenhum tipo de satisfação, assim...você saber que você não tá atrelado a ninguém...a sensação...assim...qual que é a responsabilidade que me prende hoje? Que me tira de determinadas coisas? É em relação ao meu pai e minha mãe, que são pessoas velhas e que você tem que tá junto, é...num é junto, tomando conta o dia inteiro não, mas assim...você tem que dar uma segurada, então...tirando isso...e...a questão do trabalho te prende sempre...né...por uma questão de horário...eu acho que ser solteira é uma condição muito gostosa...na verdade...assim...né? Eu num acho ruim ficar sozinha...eu acho ruim gostar sozinha...então...se você tá sozinha...tranquilo...eu acho que...você vai na hora que você quer, você volta na hora que você quer, resolveu viajar, você pode ir, sem ter que dar satisfação pra ninguém, então...eu não acho que seja ruim sabe... num acho, mas é isso que eu tô falando...ser solteiro...num é ser sozinho...ser solteiro no sentido de que você vai aonde você quer, você tem seus amigos...num sei quê...quero...viajar hoje, ou passar o fim de semana fora, vai...assim, eu acho bom...num acho ruim não (Clara).

Eu acho que a vida inteira eu tô falando disso...num sei nem se eu acho mais alguma, assim...é...por exemplo, uma coisa que eu acho importante que talvez eu não tenha falado, é a disponibilidade...mas eu nenhuma ro...assim...ai tô...parece que a gente fala, cada hora tá com um namorado...num é...eu fico meses, meses, às vezes sem...sem tá...encantada por alguém ou estar apaixonada, meses ou ano, as vezes passa ano assim...mas assim eu gosto de me sentir disponível...ora qualquer coisa que ...eu...que...que me chame atenção...que me agrade...que eu queira fazer...seja tá com alguém ou não...sabe? eu estar disponível pra mim...pra eu...é...pra alguém...sair com alguém...sabe se der uma vontade...se eu tô...eu nunca faço isso...mas eu gosto de saber que eu posso...sabe eu tô aqui...e passa alguém ali...nossa que bonito num sei quê, a pessoa vem e conversa...se eu quiser...eu num faço nunca, mas se eu quiser eu possa sair, dormir fora, num sei o quê, e num vai ter ninguém pra me encher o saco...isso pra mim é importante de mais assim...eu num preciso fazer não...eu preciso saber que eu sou livre pra fazer...e a disponibilidade de mudar de idéia...sabe...tipo assim, compromisso é uma coisa que pra mim tá vinculado só a trabalho...o resto, eu num quero compromisso...cum...amigo eu falo(...)então essa liberdade que eu acho importante...ter...assim, né, todos os meus amigos sabem disso...a hoje é Quinta-feira, vamo Sábado num sei aonde, não sei Sábado como é que eu vou tá, num sei o que eu vou querer fazer Sábado, vamô deixar assim: A gente se fala na Sexta de noite, ou no Sábado de manhã!? Porque eu acho assim, que a gente tem que tá...eu cheguei nessa idade...aprendi isso com a vida...a gente tem que tá inteira...e bem naquilo que você tá fazendo...pode ser uma besteira...nada... tá sentada aqui olhando o chão, mas foi a minha escolha e é aqui que eu quero tá agora, então eu tô inteira ali...agora você tá num lugar, pensando no outro...as e eu tivesse ido ia ser mais legal...num cabe isso...na vida sebe...eu posso até cair numas armadilhas(...), mas eu procuro tá inteira em cada lugar...em cada coisa que eu tô fazendo (Sílvia).

Menina...num ter que fazer comida pro dito cujo né? Bom se bem, que eu faço tudo isso eu faço tudo o que você possa imaginar...apesar de ser instrumentadora...de Ter estudado, ter feito faculdade, lelele... eu sempre tive duzentas mil atividades diferentes...mas eu acho que a vantagem de você ser solteira... é você poder ir pra todos os lugares que você quiser...você dormir a hora que você quiser...é...é... eu acho assim, você não tem grandes preocupações com o outro...as preocupações são só suas...se você tá agradando... se você não tá...né...ficar preocupada mesmo...deixar de dormir por causa do outro...eu já durmo mal, então eu durmo por minha causa...durmo mal por minha causa...não durmo por causa do outro...eu acho que as vantagens de ser solteira (...)é então eu acho que ser solteira, ou ser casada não faz muita diferença, né?!)

Contanto que o negócio seja bom, ser solteiro, você pode ir em vários lugares...você beija um hoje, outro amanhã... é bom? (Marta).

Elisa considera que uma das grandes vantagens da mulher solteira é ter uma maior renda econômica:

eu acho que uma grande vantagem que o solteiro tem é a vantagem financeira...você...sei lá o que você ganha é pro seu auto sustento né, então você pode viver bem melhor, você pode viver bem, ajudar as pessoas que você tem que ajudar, né...é é isso principalmente quando você é uma pessoa independente, né, não digo hoje em dia, ninguém tem grandes empregos, mas se você tiver um nível.. razoável né...de vida, ganhar razoavelmente, você vive muito melhor do que se você tivesse família, tivesse filhos, porque você teria outras despesas, colégio, né,...é...sei lá, livros, uniforme, roupa, né, isso tudo, isso eu não tenho, né, então é uma realidade né, você tem mais dinheiro até às vezes, às vezes você gasta até demais (risos), com coisas mais, infelizmente até fúteis né, não seriam tão...mas você tem, você vive bem melhor (Elisa).

b- Vantagens de ser casada:

Quatro participantes concordaram que a grande vantagem do casamento é ter uma companhia constante:

eu acho assim...eu o casamento tem uma coisa que é...eu num sei se é vantagem, mas é uma comodidade...é...um que isso pra mim também é defeito não é qualidade nenhuma, mas acho que pra algumas pessoas é...assim...a coisa do conforto...é do conforto afetivo né? Porque eu acho...que todo mundo acha...que meio...que se num tem alguém garantido...uma afetividade garantida...que vai se sentir só...que vai se sentir né?! (Sílvia).

“eu acho que...a questão de ser casada...eu acho que...só cumpre ser casado se tiver a questão de afeto, de amor, de cumplicidade, se for só uma questão...é...alguém que você divide a conta...alguém que você...é...eu vou falar do casamento...que é no sentido dele completo, com amor, com tudo...eu acho que é deve ser bacana, muito bacana...no sentido de você ter uma pessoa que tá junto de você, que se acontecer alguma coisa, você sabe que você não tá sozinho ali, e que alguém vai vim te socorrer, socorrer que eu digo, não é coisa de acidente não, qualquer circunstância, você tem alguém que, briga por você, que gosta de você, que cuida de você, mas...é...é...eu até acho que nem todos os casamentos são assim (risos), entendeu assim...eu acho que...os casamentos verdadeiros que eu acho que seria todo...é...esse...essa...amplidão aí...essa amplitude...de coisas...isso eu acho que é bacana, eu acho que a vantagem de você ser casada é você...ter alguém que vá junto com você fazer as coisas e que realmente se você encontrou alguém que você vai planejar a vida junto...se você tiver de fato alguém que goste de você e que você goste dessa pessoa...isso eu acho muito bacana...mas com o sentido verdadeiro de você tá inteiro ali...sabe...em todos os aspectos, com alegria, com cumplicidade, com tudo...com...acho que com prazer

de tá ali...agora...o casamento bacana...agora esse casamento que é casado...mas vive mal...eu...num...num vejo sentido (Clara).

eu acho uma vantagem, que embora não seja, não aconteça com todo mundo né, mas, quando você atinge uma certa idade né, na velhice você poderia ter um companheiro, quem for casado, né, normalmente né senão acontecer um falecimento, pra você ter um companheiro (Elisa).

sei lá deve ser bom, você poder dividir, ter alguém pra conversar todo dia...diferente de quem mora sozinho...num tem com quem falar...ter sempre assuntos novos...ter sempre brigas novas né? Briga deve ser bom...é um motivo pra fazer as pazes, e a coisa fica melhor ainda (Marta).

Para Glória, a maior vantagem de ser casada é a econômica, ao contrário do que afirmou

Elisa quando se referir às vantagens de ser solteiras:

Ai, de ser casada? Na hora de dividir as contas...eu acho que é a única vantagem (risos), pô...porque a mulher solteira também, quando chega o final do mês...ela vai lá e faz aquelas contas e fala assim: Caramba! Ultrapassou o que eu ganho, e aí...não tem ninguém pra dividir...e você estando casada né...supostamente...isso vai acontecer né...você vai ter um respaldo ali...do outro lado...que também pode não dividir...mas...colaborar... eu acho que é isso (Glória).

c- Desvantagens de ser solteira:

Para três entrevistadas, a maior desvantagem de ser solteira é a falta de companhia constante, a solidão:

às vezes... um... sentimento que eu às vezes tenho né, eu me sinto às vezes meio sozinha... né... eu me sinto às vezes solitária, e...e... fico pensando o seguinte, ser casada, você vai...e... a sua vida não vai parar ali né...depois que você falecer a coisa não vai acabar ali, você vai ter uma continuidade, se você tiver filhos principalmente (Elisa).

Desvantagem de ser solteira? Eu acho que tem hora que bate si...um pouco de solidão assim...mas eu também não sei se o fato de tá casado supre essa solidão...em todos os momentos...não sei...é...eu era adolescente...ai eu li numa revista a Pop, que era uma revista que

nem...e lá num aspecto interessante...tinha uma frase lá que eu acho que era uma entrevista com a Rita Lee...que falava assim que a vida era um ato solitário, falou assim, sabe? Isso sem tristeza, você tem uma trilha que é sua, né? Assim...você vai ali...você tem uma individualidade, você tem...você pergunta das desvantagens de ser solteira, então eu acho que tem hora que...é...eu acho que em alguns momentos bate uma solidão...nesse aspecto, mas aí não é questão de ser solteiro...é questão de ser sozinho...entendeu...isso é que eu acho que é muito diferente uma coisa da outra...sabe assim...você também pode ser sozinho casado (risos) entendeu...então assim...a desvantagem de ser solteira...é nesse aspecto de solidão...que não necessariamente é relacionada ao ser solteira é ser sozinha (Clara).

“bom...pois é esse conforto de você saber que tem sempre alguém do lado pra alguma coisa...utilitária quase (risos)...tipo assim...ai, tô com dor de barriga, não tem ninguém pra fazer um chá...ah sei lá...num agüento empurrar esse móvel sozinha...né...furou o cano num sei das quantas...mas...é isso pra mim...num é...num...nummm...porque eu já tenho outros meios de lidar com essas situações...mas eu fico meio que olhando de fora assim né...que eu acho que todo mundo...é...busca...deixa eu ver desvantagens de ser solteira...(pausa) Ah...num sei não...num tem não (risos)...sabe...deve ter muitas...é porque eu tô assim porque eu gosto...é opção...então eu não consigo muito ver...assim...o que que é legal...ah, claro...você ter uma pessoa que você goste muito...num é uma idealização né...tá junto, dormir sempre junto (Sílvia).

Logo a seguir, no entanto, Sílvia afirma que, apesar de ser maravilhoso ter alguém ao lado, quando isto vira rotina pode ser um pouco cansativo. Assim, isto é muito relativo:

...mas eu num acho que precise ser casado pra isso...e nem tem que tá todo dia...até porque...o que é maravilhoso...pode deixar de ser quando vira uma rotina...que às vezes você não tá querendo olhar pra cara da pessoa e tá dormindo com ela né...aí então tudo é muito relativo...”
Sílvia.

Já Marta, além de mencionar a falta de companhia, inclusive de um filho, refere-se também ao fato de que às vezes se questiona porque continua sozinha, porque ninguém quis se casar com ela apesar de suas qualidades:

Num sei, hoje em dia a minha desvantagem de ser solteira...não é de ser solteira é de não ter alguém... é de que as vezes você num...você num... é que nem eu te falei, você num tá afim de conversar com uma pessoa que tá dentro da sua casa... você quer o colo diferente, você quer o carinho da outra pessoa....sabe? De deitar no colo, de falar bobagem, um montão de coisa. Acho que as desvantagens são mais ou menos essas, eu nunca tive muita desvantagem não... não achei muitas desvantagens não....né, mas eu acho que deve ser isso...eu num sei... é difícil...eu acho assim que quando você não passa pela situação, você não tem como julgar aquela situação...num é? Eu não desgosto de ser solteira... eu só não gostaria hoje em dia, já que eu estou mais velha, estar tão sozinha atualmente, né, porque agora eu já me questiono, se era bom, se eu devia sabe... ter levado

os namoros mais pra frente. Eu nunca terminei com namorado nenhum! Eu não, não tinha motivo. Mas de ter tido filho, se era bom, de ter feito outras coisas, né, assim como eu me questiono: Porque que eu tô sozinha? Será que eu sou tão ruim assim?... todo mundo me acha tão boazinha, tão legal, tão pra cima, tão bem-humorada, será que não tem uma criatura que goste de mim do jeito que eu sou? Acho que indiferente da idade e da época, alguém vai se questionar assim como eu...né? Só não posso deixar isso me afetar psicologicamente...aí eu vou sair do meu estado normal (Marta).

Para Glória, do mesmo modo que mencionado por ela quando se refere às vantagens de ser casada, a maior desvantagem de ser solteira, é não ter ninguém com quem contar financeiramente:

E a desvantagem de ser solteira... é que sou eu...por mim...e mais ninguém...né...hoje eu já não tenho mais pai, não tenho mais mãe...e não tenho marido também...então eu tenho que me virar...eu sei que eu posso contar comigo...somente...assim em termos...de manutenção de casa...e de tudo...eu só posso contar comigo...esse tipo de coisa você não pode contar com os amigos né? Amigo até te empresta uma grana....mas na certeza de que você vá pagar daqui a um tempo...agora...todo final de mês ter alguém ali pra te ajudar....achô que o solteiro fica mais a mercê, né? Fica mais vulnerável a isso.” (Glória).

d- Desvantagens de ser casada:

Todas as entrevistadas concordaram que as maiores desvantagens de ser casada são: a falta de liberdade, as menores possibilidades de ascensão profissional e o aumento das responsabilidades.

Se hoje, eu fosse casada o meu lado profissional, ficaria mais comprometido, tá...em função dos compromissos que eu teria também dentro de casa...das responsabilidades né...eu acho que esse lado...ficaria...comprometido...eu acho que o meu lado profissional (Glória).

Eu acho que tem muiiito mais responsabilidade, do que um solteiro tem, sabe...você tem que atender muitos outros papéis né... mas aí eu acho que também tem a ver com as escolhas né? Você escolheu aquilo ali, aquilo ali te dá prazer...eu tô falando do meu ponto de vista, né...assim...se eu optei por casar e assumir alguém...fazer uma família, ou seja lá o que for, eu tenho que arcar é filho que vem, é deixar de viajar porque o filho tá com dor de barriga...sair cedo da festa, porquê amanhã tem que levar filho pro colégio...casado você tem que arcar com todas essas coisas...agora...eu acho que...agora eu acho que em alguns momentos...tem...você tá mais atrelado a tudo...então eu acho que você...é...essa individualidade, que eu acho que o solteiro tem...uma pessoa casada ela tá mais presa né? Presa a uma série de obrigações que ela tem que cumprir...mas, eu também reforço a idéia de que isso é uma coisa da escolha, né, se você escolheu aquilo...você comprou aquele pacote de coisa ali (risos) (Clara).

Marta, apesar de mencionar a falta de liberdade como uma das desvantagens do casamento, logo a seguir, afirma que essa liberdade pode existir também em um casamento:

A falta da liberdade, mas isso eu acho que desde o momento...que vocês já se conheciam, né...ninguém casa de hoje pra amanhã...você já conhece...já sabe qual é o espaço do outro...e respeitando direitinho, acredito que não deva ter desvantagem nenhuma, eu vou continuar tendo os meus amigos, ele os dele e nós os nossos...eu acredito que não tenha desvantagem em ser casado...acho que não deve mudar muita coisa não...só que a gente passa a sair em dupla...constante (Marta).

Sílvia acredita que a rotina pode ser uma grande desvantagem do casamento:

é pensando assim numa relação entre duas pessoas que se deêm bem e que se gostem...a desvantagem de casar eu acho que é dividir...o ...a rotina diária...o cotidiano...eu acho que é uma coisa...tem um lado um pouquinho bom...né...o de ouvir música junto...o de dormir junto...mas tem um lado muito ruim... que são duas pessoas que foram criadas...diferentemente...que tem uma cultura...por mais que sejam, da mesma sociedade, do mesmo nível...da mesma região do país...sei lá...tudo isso...são duas pessoas completamente diferentes...que vem de famílias diferentes...tiveram uma formação diferente...aí bum! Gruda! Aí cola...aí tem que conviver...é besteira, hábitos diários...sabe...hábitos domésticos mesmo, que acaba...que...começa uma enchessam de saco mesmo...deu um...aí...num bota aqui...num bota ali...eu não gosto que desarrume ou que arrume...olha o sapato...olha...coisas boas assim. Que eu acho que são absolutamente desnecessárias...de você ter que convier, você pode muito bem...se relacionar muito bem...cada um tendo sua casa...cada um tendo seu espaço...e aí encontra só pras coisas boas e prazerosas...num precisa ficar nessa picuínha de...de...tudo...tá bom...fazer compras junto! Ir a mercado...gente quer coisa mais horrorosa (risos) do que você dividir umas coisa desse tipo assim com alguém...aí fica mal-humorado...dividir...aí...tudo fazer junto...aí...coisa do dia-a-dia...eu acho que num tem que aturar...não é necessário, não precisa...e acho que só...eu já vi casais assim... que se adoram, se amam e vivem brigando...por besteira...por causa dessas coisinhas de dentro de casa...de...e acaba enchendo o saco...aré perdendo o tesão, perdendo tudo...por causa de bobagens...sabe...eu acho que casamento, tinha que assim (risos)...se eu fosse é determinar alguma coisa assim...mas isso é um absurdo o que eu tô falando...num vou falar não... eu não posso nunca dizer o que é bom pro outro...né...mas olhando assim o mundo...parece que o casamento é um resquício de doença...social sabe...da insegurança humana...do medo da solidão...sabe(...) então eu acho que o casamento...é uma coisa assim, ao meu ver...com todo o respeito a todo mundo que gosta...uma coisa totalmente ultrapassada, eu acho...casamento é uma instituição falida, furada, que acho que nunca satisfez ninguém assim...as pessoas ficam felizes por um tempo assim, mas...num dura...ou é em cima de ilusão, ou é em cima de fingir que não tá vendo...em cima de falsidade...ou em cima...sabe...ela não tá assim feliz durante muito tempo, dentro da essência dela ...do que ela é realmente, eu vejo isso assim, a vida toda...eu sempre olhei muito casal... acho que é fruto disso, quando o ser humano tiver mais com ele mesmo, mais próximo da essência dele, do que ele é realmente, do que ele precisa, eu acho que ele vai se desvencilhando dessas amarras, que eu acho que é uma amarração, sabe...é uma âncora

assim...por medo...medo de ficar sozinho...medo de...como se você fosse morrer se ficar sozinho, sabe...hummmm....acho que é isso o casamento pra mim.(risos) (Sílvia).

Outra questão que Sílvia destacou como desvantagem do casamento foi a Fidelidade, que, segundo ela, pode atrapalhar o relacionamento:

eu acho que é um conforto meio ilusório, porque eu vejo tanta gente quebrar a cara com isso, assim...de achar que tem...e de repente não tem...ou...tem mas tá pela metade...né eu acho que fidelidade....fidelidade eu acho um negócio complicadíssimo...sabe hoje em dia...eu achava que tinha que ser, perseguia isso...não...eu era radical, quando eu era nova, né...que eu só via isso na vida...tem que ser o casamento, acabou...num pode olhar pro lado...num pode ver ninguém...num pode...né...você tem que abri mão de uma parte grande assim...da sua vida, em função daquilo ali...então isso já tem um peso...você já vai cobrar um pouquinho pro outro né...que ninguém é santo assim de não cobrar...e o outro também...tá abrindo mão...é escolha e tudo...mas fica aquele cantinho do que você não pode fazer num sei o quê... então eu acho que é uma relação muito furada...a tal da fidelidade eu acho furadíssima...acho que não é bom...assim...acho que não precisa sair dando...sabe...toda hora pra alguém...nem um nem um outro...mas sabe precisa saber que tem a liberdade pra viver alguma outra situação fora...porque se não eu acho que tá fadado...ao fracasso...assim...o casamento...é outra questão fidelidade...que é dá pano pra manga assim (Sílvia).

É possível destacar nas falas das entrevistadas que a maior vantagem de ser solteira é a liberdade, liberdade de dispor de seu tempo, de seu dinheiro, de seu desejo e de seu corpo da maneira que melhor lhes convier. A mobilidade, a possibilidade e a valorização do exercício da individualidade estão muito presentes em seus discursos. O que fica mais aparente como desvantagem de ser solteira é a falta de companhia freqüente, a falta de alguém que as apóie afetivamente.

Esta é mencionada, inclusive, como uma das grandes vantagens de ser casada, e ter essa companhia freqüentemente e alguém com quem dividir as dificuldades. Quanto às maiores desvantagens em ser casadas, foram por elas apontadas a falta de liberdade e autonomia, bem como uma maior dificuldade de ascensão profissional, pela menor disponibilidade que as pessoas casadas têm.

CONCLUSÃO

Embora saibamos que o grupo estudado é bastante restrito, posto que se trata de uma pesquisa qualitativa, não é possível, nem aconselhável, que se faça generalizações acerca dos dados por nós encontrados. Também temos consciência que cada indivíduo, por mais que tenha muitas características de vida em comum com outros, viverá determinada experiência de modo diferente de outro que tenha vivido a mesma situação.

Porém, é possível notar nos discursos de nossas entrevistadas, que, de alguma maneira, vivem circunstâncias de vida semelhantes, que, embora haja discordâncias entre eles, há também muitos pontos em comum, e é a partir desses pontos observados nos seus discursos que podemos extrair traços que podemos denominar como, de certa forma, mais marcantes em indivíduos que vivem em uma determinada época, em um determinado lugar, circunstâncias comuns, isto é, o fato de permanecerem solteiras.

No presente estudo pode-se observar nos discurso de todas as mulheres de classe média carioca que permaneceram solteiras entrevistadas que elas já pensaram em ter filhos, sendo que duas delas chegaram a engravidar, mas abortaram. Porém, até o momento, optaram por não ter filhos, pois de uma maneira geral, ou não encontraram uma situação que julgassem apropriada (um companheiro ou uma situação financeira favorável) para criar um filho, ou realmente pensaram na possibilidade e não quiseram ter filhos, porque não se dispuseram a arcar com todas as responsabilidades da maternidade, tendo que abrir mão da liberdade que gozam sendo solteiras, sem filhos e senhoras de suas próprias histórias.

Todas elas tiveram, ou acreditam ter ainda, a oportunidade de se casar, ou de ter um relacionamento de coabitação com um namorado. Duas delas, inclusive, pensam em assumir esse compromisso com o atual namorado, mas todas elas, inclusive estas duas, relataram parecer-lhes ser

muito difícil a convivência com um companheiro, pois estão muito acostumadas com a liberdade que gozam e com a falta de compromisso para com um parceiro, o que lhes abre a possibilidade de possuir uma vida sexual com variados parceiros se assim o desejarem. É interessante notar, contudo, como os seus discursos a esse respeito são, por vezes contraditórios, pois apenas uma delas relatou ser totalmente contra o casamento. Em sua maioria, nossas entrevistadas mencionaram vontade de encontrar alguém com quem possam assumir um relacionamento de coabitação, embora mantendo sua liberdade.

Todas as entrevistadas julgam que a maior vantagem de ser solteira é a liberdade, pois não se sentem na obrigação de dar satisfações a ninguém acerca de seus atos e esse é um ponto que prezam muito. O fato de que obtêm vantagem sobre as mulheres casadas no campo profissional, por conta da falta de compromisso com um companheiro ou com filhos, foi também ressaltado por todas, pois uma dedicação exclusiva à profissão acaba por privilegiá-las no mercado de trabalho.

A grande desvantagem que nossas entrevistadas vêem em ser solteira é a solidão, o fato de não ter alguém com quem contar. Embora a maioria tenha em relacionamento muito próximo com sua família e amigos, elas relataram algum grau de desconforto decorrente da solidão pelo fato de não terem com quem contar em todas as horas. Contudo, como afirmaram algumas entrevistadas, ter alguém ao lado, compartilhando todo o tempo seu cotidiano, pode ser também uma desvantagem.

Podemos concluir afirmando que essas mulheres entrevistadas, ao contrário do que diz o senso comum, não são mulheres que não têm ou não tiveram oportunidade de casar ou de ter uma relação de coabitação com um companheiro. Ao contrário, elas, fizeram opção de permanecer solteiras, em função de outros compromissos, com a família e/ou a profissão, por exemplo, e de outros arranjos emocionais e sexuais. Esta escolha traz, segundo elas, uma maior liberdade em outros campos de suas vidas, como o profissional e o familiar.

Encontramos no discurso das mulheres entrevistadas características que podemos chamar de “típicas” do momento contemporâneo, e que têm reflexos nas formas dos relacionamentos amorosos e no uso de sua sexualidade, como o descompromisso afetivo com um relacionamento duradouro, a preservação da individualidade e da autonomia e a possibilidade de manter relações com mais de um parceiro. Ao mesmo tempo, contudo, persistem em seus discursos paradigmas que ditavam os comportamentos típicos da antiga família moderna, como o fato de algumas entrevistadas terem revelado que, para ser mãe, consideram necessário ter um companheiro fixo, pois entendem que uma criança deve ser criada com um pai e uma mãe.

Todas as entrevistadas revelaram que o que mais chama atenção em um possível parceiro, são as características de ordem psicossocial, como a inteligência, o caráter, o bom humor, a sinceridade e o companheirismo. Na maioria das vezes, a aparência física e a situação financeira ficam em segundo plano. A questão da situação financeira é bastante interessante, pois, por serem mulheres independentes financeiramente, a maioria deixou claro que não tem interesse no dinheiro do parceiro. Contudo, duas entrevistadas relataram que, se há uma diferença grande de classe social e/ou econômica, e o homem é o menos favorecido, muitas vezes este pode constituir o motivo para um relacionamento não dar certo.

A maior independência financeira, conquistada nas últimas décadas pelas mulheres de classe média carioca, pode ser observada no modo como encaram suas vidas afetivas. Em decorrência disso, elas alcançaram uma possibilidade de escolha do parceiro muito mais apurada do que acontecia anteriormente, e, muitas vezes, não abdicam de suas escolhas pessoais em prol da construção de uma família.

Podemos dizer para finalizar que as mulheres entrevistadas valorizam bastante sua individualidade e sua liberdade. Embora reclamem muitas vezes da solidão, não estão dispostas a

mudar seu estado civil a qualquer preço e por qualquer parceiro. A escolha de um parceiro é criteriosa, e elas não mais temem ficar sozinhas se não encontrarem um parceiro que julguem adequado, pois parece que suas identidades femininas estão estruturadas a partir de outros referenciais, que não o estado civil.

5- Bibliografia

- ALGRANTI, L.M. (1993). *Honradas e Devotas: Mulheres da Colônia- Condição Feminina nos Conventos do Sudeste do Brasil 1750-1822*. Rio de Janeiro: Edunb/ José Olympio.
- ALMEIDA, A.M. (1987). Notas sobre a família no Brasil. Em A.M. ALMEIDA.(Org). *Pensando a Família no Brasil – Da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/ Editora de UFRRJ.
- AMÂNCIO,L.(1994). *Masculino e Feminino- A Construção da Diferença*. Porto: Edições Afrontamento.
- ARIÉS, P.(1986). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- BADINTER, E. (1988). *Um Amor Conquistado- O Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- BASSANEZI,C. (2004). Mulheres dos Anos Dourados. Em M. DEL PRIORE.(Org), *História das Mulheres No Brasil*. São Paulo: Editora Unesp.
- BAUMAN, Z. (1998 a). *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.
- _____ (1998 b). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor.
- _____ (2003). *Amor Líquido – Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BECK,U. (1992) “I am I’’: gendered space and conflict inside and outside the family. Em U.Beck. (Org), *Risk Society: Towards a New Modernity* (Theory, culture, and society serie). London, Great Britain: Sage Publications.
- BEAUVOIR,S. (1988). *O Segundo Sexo*. São Paulo: Editora Nova Fronteira.
- BIASOLI-ALVES, Z.M (2000). Continuidade e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 16 (3), set./ dez.

- BILAC,E.D.(2003). Família: algumas inquietações. Em M.C.B.Carvalho (Org). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo. Editora Educ Cortez Editora.
- BRUSCHINI,C. & COSTA, A. O(Orgs.) (1989). *Rebeldia e Submissão- Estudos sobre a Condição Feminina*. São Paulo: Vértice.
- CARVALHO, E.P. (2001). A articulação das variáveis sexo e classe na constituição do magistério primário: uma discussão preliminar. In:
<http://ceted.ce.ufpb.br/ppge/revista/rev02/pesquisa%2001.pdf>.
- COSTA,J.F. (1979). *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Editora Graal.
- DAMATTA,R. (1991). *A Casa e a Rua*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan.
- DAUPHIN.C (1992). Mulheres sós Em G.DUBY. & M.PERROT (orgs.). *História das Mulheres no Ocidente no Século XIX*. Porto, Portugal: Edições Afrontamento.
- D'AVILA NETO,.M.A. (1980). *O Autoritarismo e a Mulher: o Jogo da Dominação Macho-Fêmea no Brasil*. Rio de Janeiro: Artes e contos.
- DEL PRIORE, M (2003). *Mulheres no Brasil Colonial*. São Paulo: Editora Contexto.
- DUFOUR,D.R.(2001). As angústias do indivíduo-sujeito, *Le Monde Diplomatique*. Edição Brasileira,13, Ano 2.
- ENGLISH,D. & EHRENREICH.B.(2003). *Para seu próprio bem: 150 anos de conselhos de especialistas para as mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.
- FAIRCLOUGH,N. (2001). *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora UNB.
- FREYRE, G.(1968a).*Sobrados e Mucambos-Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- _____ (1998). *Casa grande e Senzala*. Rio de Janeiro. Record.

- FORNA, A.(1999). *Mãe de Todos os Mitos- Como a Sociedade Modela e Reprime as Mulheres*. Rio de Janeiro: Editora Ediouro.
- FOUCAULT,M(1997). *A Mulher /Os Rapazes- da História da Sexualidade- Coleção Leitura*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- GIDDENS, A.(1992). *A Transformação da Intimidade- Sexualidade, Amor e Erotismo na Sociedades Modernas*. São Paulo. Editora Unesp.
- GOFFMAN.E.(1982). *Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro. Editora Zahar.
- GOLDENBERG,M. & TOSCANO,M. (1992). *a Revolução das Mulheres: Um Balanço do Feminismo no Brasil*. Rio de Janeiro. Editora Revan.
- HALL,S. (1997). *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A.
- IBGE (2000). *Perfil das Mulheres Responsáveis pelos Domicílios no Brasil* . Rio de Janeiro.
- _____.(2002). Censo demográfico: Nupcialidade e fecundidade. Resultados da amostra. *Comentário dos resultados*. Rio de Janeiro.
- JABLONSKI,B.(1991). *Até que a vida nos separe*. Rio de Janeiro: Editora Agir.
- LASCH,C. (1999). A domesticidade burguesa, a Revolta contra o Patriarcado e o ataque à moda. Em C.Lasch (Org): *A Mulher E A Vida Cotidiano- Amor, Casamento e Feminismo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- LEITE.M.M. (1981). *A Condição Feminina no Rio de Janeiro- Século XIX*. São Paulo: Eduap/ HUCITEC/ Pró-Memória.
- LEITÃO,V.E.(1981). *A mulher na língua do povo*. Rio de Janeiro. Editora Achiamé.
- LÉVI-STRAUSS,C. (1972). A Família. Em L.H. Strapao (Org): *Homem, Cultura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura.

(1982). *As Estruturas Elementares de Parentesco*. 2^a ed. Petrópolis: Editora Vozes.

MICHELET, J. (1995). *A Mulher*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

MURARO, R.M. (1996). *Sexualidade da Mulher Brasileira- Corpo e Classe Social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos.

NAZZARI, M. (2002). O desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900. Em: *Mulheres e Dote no Brasil*. São Paulo: Companhia da Letras.

RAGO, M. (2004). Ser mulher no século XXI- Ou carta de alforria. Em G.Venturi ; M.Recamán & S.OLIVEIRA(Orgs). *A Mulher Brasileira Nos Espaços Público e Privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

OLIVEIRA, Z.L.C (2003). *Mulher e Trabalho- Trabalho e Gênero: A Construção da Diferença*. In: <http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/mulher/2.003/artigo7.pdf>.

PINTO, M.O.(2002): *Mulheres: Uma vida de Lutas e conquistas*. In: <http://www.oab.org.br/comissoes/cnma/MarianaOliveira.pdf>.

ROCHA-COUTINHO, M.L.(1994): *Tecendo por Trás dos Panos- A Mulher Brasileira nas Relações Familiares*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

_____.(1998a). A análise do discurso em psicologia: algumas questões, problemas e limites. Em L.Souza. M.F. Quintal de Freitas & M.M.P. Rodrigues (Orgs.). *Psicologia: Reflexões (Im)pertinentes* .S.P: casa do Psicólogo. Pp.317-46.

_____.(1998b): De cinderela a mulher-maravilha: a maternidade em tempos de mudança. *Série documenta*, 9. Rio de Janeiro.

RUUP, L.(2002): Sexualidade e política no começo do século XX: O caso do Movimento Internacional das Mulheres. *Labrys, Estudos Feministas* 1-2, julho/dezembro.

SARTI, C.A (2003). Família e individualidade: um problema moderno. Em M.C.B.Carvalho (Org). *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo. Editora Educ Cortez Editora.

SILVA, G.O. V.(1994). O sucesso das mulheres na escola. *Tecendo o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Editora Mauad.: *Tecendo Saberes*. Rio de Janeiro. UFRJ Diadorim.

- SISSA,G. (1990). Filosofia do gênero: Platão, Aristóteles e a diferença dos sexo. Em G.DUBY. & M.PERROT (Orgs): *História das Mulheres no Ocidente no século XIX* Porto, Portugal: Edições Afrontamento. Porto: Portugal.
- SZAPIRO, A.M.(2003). Diferença sexual, igualdade de gênero: ainda um debate contemporâneo. Em M. I.D'Avila. & R.Pedro.(Orgs): *Tecendo o Desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Editora Mauad.
- TEIXEIRA,S. A.(2004). A camisola do dia e o seu divino conteúdo. *Horizontes Antropológicos*, 10 número (22)- Julho/Dezembro.
- VAITSMAN,J. (1994). *Flexíveis e Plurais: Identidade, Casamento e Família em Circunstâncias Pós-Modernas*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- VASCONCELOS,V.N.P. (2002): Mulheres honestas, mulheres faladas: casamento e papéis sociais. Em E.R.Nascimento & S.L.Ferreira(Orgs): *Imagens Da Mulher na Cultura Contemporânea*. Bahia. Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher- (NEIM) UFBA.
- YALOM.M. (2002).*A História da Esposa- da Virgem Maria a Madonna: O Papel da Mulher Casada dos Tempos Bíblicos até Hoje*. Rio de Janeiro. Editora Ediouro.

ANEXO I

Roteiro:

- 1- O que você pensa da mulher permanecer solteira hoje em dia ?
- 2- Poderia me dizer por que você não se casou?
- 3- Qual a importância que a profissão tem na sua vida? E o casamento
- 4- O seu estado civil já influenciou de alguma maneira a sua vida profissional? Como?
- 5- E sua vida afetiva? Você está namorando (se sim a quanto tempo e como é o relacionamento)
Se não tem namorado atualmente questionar porque não ter namorado, quando foi a última vez que se relacionou, por quanto tempo e como foi o relacionamento).
- 6- O que é importante para você em um relacionamento? Por quê?
- 7- Quais as características que você procura num parceiro ao iniciar um relacionamento? E para continuar o relacionamento? Por quê?
- 8- Mora sozinha ou com outras pessoas? (Se morar com outras pessoas, quem são e como é o relacionamento com elas). Gostaria de morar sozinha/ com alguém? Quem? Por quê?
- 9- Você já pensou alguma vez em casar, ou isso nunca fez parte dos seus planos? Por quê?
- 10- Qual a importância que você dá ao casamento? Você gostaria de casar algum dia? Por quê?
- 11- O que você acha da maternidade? Você tem vontade de ter filhos? Por quê?
- 12- O que você faz no seu horário de lazer?
- 13- Quais são as vantagens de ser solteira casada? E casada? Por quê?
- 14- Quais são as desvantagens de ser solteira? E casada? Por quê?